

FRANCISCO
CÂNDIDO
XAVIER



**ANTOLOGIA
MEDIÚNICA
DO
NATAL**



Francisco C. Xavier

**CONTOS E
APÓLOGOS**

(2ª edição)

Com aquele seu estilo tão apreciado nos meios espiritistas, em que a Doutrina flui, penetra e grava-se no subconsciente do leitor, o *Irmão X* nos apresenta quarenta "Contos e Apólogos", pequenos no tamanho, mas grandes na sabedoria que encerram.

Espírito com larga bagagem de experiências vividas na Terra, o Autor parece ter sempre em vista, ao escrever seus contos, oferecer-nos os meios de evitar a dor, com o afastamento das causas que a originam.

Coloquemos esse precioso livrinho, doutrinária e literariamente perfeito, nas mãos de todos: jovens e velhos, homens e mulheres, e estaremos cumprindo nosso dever de amor ao próximo.

Pede, amigo Leitor, o Catálogo de Livros Espiritas editado pela FEB, e ele te será remetido gratuitamente pelo Correio.

Antologia Mediúnica do Natal

Este livro foi composto na ortografia usada pela Editora, ou seja, a de 1943, com algumas das modificações propostas pela de 1945.

Francisco Cândido Xavier

Antologia Mediúnica do Natal

Espritos Diversos

1ª Edição

10.000 exemplares



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
(Departamento Editorial)
Rua Souza Valente, 17 e Avenida Passos, 30
Rio, Gb — ZC - 08

C.G.C. n.º 33.644.857

Composto e impresso
nas oficinas da
— FEDERAÇÃO —

70-RA; 10.000-L; 1967

Índice

	Págs.
OFERTA DE NATAL, <i>Emmanuel</i>	9
1 — Jesus para o Homem, <i>Emmanuel</i>	13
2 — Natal, <i>Irene S. Pinto</i>	15
3 — O Conquistador Diferente, <i>Irmão X</i>	17
4 — Súplica do Natal, <i>Casimiro Cunha</i>	21
5 — Cartão de Natal, <i>Meimei</i>	24
6 — Natal de Maria, <i>Cornélio Pires</i>	26
7 — Evocação do Natal, <i>Emmanuel</i>	27
8 — Pensamentos do Natal, <i>João de Carvalho, Casimiro Cunha, João de Deus</i>	29
9 — Bilhete a Jesus, <i>Irmão X</i>	31
10 — Súplica de Natal, <i>Cármem Cínira</i>	37
11 — Jesus, <i>André Luiz</i>	38
12 — Súplica do Natal, <i>Aparecida</i>	42
13 — Humildade Celeste, <i>Emmanuel</i>	43
14 — Encontro Divino, <i>Rodrigues de Abreu</i>	45
15 — O Encontro Divino, <i>Irmão X</i>	47
16 — O Divino Convite, <i>Casimiro Cunha</i>	51
17 — Natal, <i>Emmanuel</i>	53
18 — Jesus, <i>Amaral Ornellas</i>	56
19 — Natal Simbólico, <i>Irmão X</i>	57
20 — Na Noite de Natal, <i>João de Deus</i>	62
21 — Prece do Natal, <i>Emmanuel</i>	64
22 — Petições de Natal, <i>Maria Dolores</i>	66
23 — O Divino Servidor, <i>Neio Lúcio</i>	68
24 — Jesus, <i>Marta</i>	71
25 — Ante o Divino Mestre, <i>Irmão X</i>	73
26 — Prece de Natal, <i>Cármem Cínira</i>	78

	Págs.
27 — Meditando o Natal, <i>Emmanuel</i>	80
28 — Pensamentos do Natal, <i>Amaral Ornellas, Irene S. Pinto, Jésus Gonçalves, Emmanuel</i>	82
29 — Na Glória do Natal, <i>Irmão X</i>	84
30 — Oração do Natal, <i>Casimiro Cunha</i>	88
31 — Rogativa de Natal, <i>Emmanuel</i>	89
32 — Ser Cristão, <i>Olavo Bilac</i>	91
33 — Mestre e Discipulo, <i>André Luiz</i>	92
34 — Rimas do Natal, <i>Leôncio Correia</i>	95
35 — Página do Natal, <i>Emmanuel</i>	97
36 — Conto de Natal, <i>Francisca Clotilde</i>	100
37 — O Peru Pregador, <i>Neio Lúcio</i>	104
38 — Ante Jesus, <i>Amaral Ornellas</i>	107
39 — Oração do Natal, <i>Espírito de Humberto de Campos</i>	108
40 — Bilhete de Natal, <i>Casimiro Cunha</i>	114
41 — Mestre e Aprendiz, <i>Emmanuel</i>	116
42 — Evangelho, <i>Francisco de Monte Averno</i> ...	118
43 — Natal, <i>Meimei</i>	123
44 — Simão, o Mendigo, <i>João de Deus</i>	125
45 — O Advogado da Cruz, <i>Emmanuel</i>	129
46 — Pensamentos do Natal, <i>Bezerra de Menezes, Arlindo Costa, Eurípedes Barsamulfo</i>	131
47 — Crônica do Natal, <i>Irmão X</i>	133
48 — Lembrança do Natal, <i>Auta de Souza</i>	136
49 — Mensagem do Natal, <i>Emmanuel</i>	137
50 — Os Animais ante o Natal, <i>Irmão X</i>	140
51 — Ante o Divino Semeador, <i>Emmanuel</i>	143
52 — Carta de Natal, <i>Casimiro Cunha</i>	145
53 — Simeão e o Menino, <i>Irmão X</i>	148
54 — Despedida de Vital, <i>Cornélio Pires</i>	151
55 — A Manjedoura, <i>Emmanuel</i>	152
56 — Natal na Aldeia, <i>Antônio Corrêa D'Oliveira</i>	155
57 — Encontro de Natal, <i>Meimei</i>	157
58 — O Evangelho, <i>Emmanuel</i>	159
59 — O Grande Doador, <i>André Luiz</i>	162
60 — Prece Diante da Manjedoura, <i>Emmanuel</i> ...	164
61 — O Natal do Apóstolo, <i>Irmão X</i>	166

	Págs.
62 — Gestos Simples, <i>Casimiro Cunha</i>	172
63 — Evangelho e Alegria, <i>Emmanuel</i>	175
64 — O Réu da Cruz, <i>Casimiro Cunha</i>	178
65 — Oração do Natal, <i>Meimei</i>	181
66 — Jesus, <i>Emmanuel</i>	183
67 — Oração Ante a Manjedoura, <i>Irmão X</i>	184
68 — Leproso Ante a Manjedoura, <i>Jésus Gonçalves</i>	189
69 — A Vinda de Jesus, <i>Emmanuel</i>	190
70 — Divina Surpresa, <i>Maria Dolores</i>	193
71 — Natal do Coração, <i>Meimei</i>	196
72 — Na Glória do Cristo, <i>Emmanuel</i>	198
73 — Versos do Natal, <i>Cármen Cinira</i>	201
74 — Recordação do Natal, <i>Emmanuel</i>	203
75 — Louvor do Natal, <i>Emmanuel</i>	205
76 — Jesus e os Homens, <i>Irmão X</i>	208
77 — Algo mais no Natal, <i>Emmanuel</i>	211
78 — Prece Diante da Manjedoura, <i>Emmanuel</i> ...	213
79 — Na Noite de Natal, <i>Cármen Cinira</i>	215
80 — Jesus, <i>Emmanuel</i>	218

Oferta de Natal

Senhor!

Enquanto as melodias do Natal nos enternecem, recordamos também, ante o céu iluminado, a estrela divina que te assinalou o berço na palha singela!...

*

De novo, alcançam-nos os ouvidos as vozes angélicas:

— Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens!...

E lembramo-nos do tópico inesquecível da narrativa de Lucas (1):

“Havia na região da manjedoura pastores que viviam nos campos e velavam pelos rebanhos durante a noite; e um anjo do Senhor desceu onde eles se achavam e a glória do Senhor brilhou ao redor deles, pelo que se fizeram tomados de assombro... O anjo, porém, lhes disse: não temais! eis que vos trago boas novas de grande alegria, que

(1) Evangelho de Lucas, 2:8-11.

serão para todo o povo... É que hoje vos nasceu, na cidade de David, o Salvador, que é o Cristo, o Senhor."

*

Desde o momento em que os pastores maravilhados se movimentaram para ver-te, na hora da alva, começaste, por misericórdia tua, a receber os testemunhos de afeição dos filhos da Terra.

Todavia, muito antes que te homenageassem com o ouro, o incenso e a mirra, expressando a admiração e a reverência do mundo, o teu cetro invisível se dignou acolher, em primeiro lugar, as pequeninas dádivas dos últimos!

Só tu sabes, Senhor, os nomes daqueles que algo te ofertaram, em nome do amor puro, nos instantes da estrebaria:

A primeira frase de bênção...

A luz da candeia que principiou a brilhar quando se apagaram as irradiações do firmamento...

Os panos que te livraram do frio...

A manta humilde que te garantiu o leito improvisado...

Os primeiros braços que te enlaçaram ao colo para que José e Maria repousassem...

A primeira tigela de leite...

O socorro aos pais cansados...

Os utensílios de empréstimo para que te não faltasse assistência...

A bondade que manteve a ordem, ao redor da

*manjedoura, preservando-a de possíveis assaltos...
O feno para o animal que devia transportar-te...*

*

Hoje, Senhor, que quase vinte séculos transcorreram sobre o teu nascimento, nós, os pequeninos obreiros desencarnados, com a honra de cooperar em teu Evangelho Redivivo, pedimos vênica para algo ofertar-te... Nada possuindo de nós, trazemos-te as páginas simples que tu mesmo nos inspiraste, os pensamentos de gratidão e de amor que nos saíram do coração, em forma de letras, em louvor de tua infinita bondade!

Recebe-os, ó Divino Benfeitor!, com a benevolência com que acolheste as primeiras palavras de respeito e os primeiros gestos de carinho com que as criaturas rudes e anônimas te afagaram na gloriosa descida à Terra!... E que nós — espíritos milenários fatigados do erro, mas renovados na esperança — possamos rever-te a figura sublime, nos recessos do coração, e repetir, como o velho Simeão, após acariciar-te na longa vigília do Templo:

— “Agora, Senhor, despede em paz os teus servos, segundo a tua palavra, porque os nossos olhos viram a salvação!...”

EMMANUEL

Uberaba, 25 de Dezembro de 1966.

Jesus Para o Homem

«E achado em forma como homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.»

— PAULO (Filipenses, 2:8).

O Mestre desceu para servir,
Do esplendor à escuridão...
Da alvorada eterna à noite plena...
Das estrelas à manjedoura...
Do infinito à limitação...
Da glória à carpintaria...
Da grandeza à abnegação...
Da divindade dos anjos à miséria dos homens...
Da companhia de gênios sublimes à convivência dos pecadores...
De governador do mundo a servo de todos...
De credor magnânimo a escravo...
De benfeitor a perseguido...
De salvador a desamparado...
De emissário do amor à vítima do ódio...

De redentor dos séculos a prisioneiro das sombras...

De celeste pastor à ovelha oprimida...

De poderoso trono à cruz do martírio...

Do verbo santificante ao angustiado silêncio...

De advogado das criaturas a réu sem defesa...

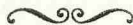
Dos braços dos amigos ao contacto de ladrões...

De doador da vida eterna a sentenciado no vale da morte...

Humilhou-se e apagou-se para que o homem se eleve e brilhe para sempre!

Oh! Senhor, que não fizeste por nós, a fim de aprendermos o caminho da Gloriosa Ressurreição no Reino?

EMMANUEL



2

Natal

Natal! Grande bolo à mesa,
A árvore linda em festa.
O brilho da noite empresta
Regozijo ao coração...
É como se a Natureza
Trouxesse Belém de novo
Para os júbilos do povo
Em doce fulguração.

Tudo é bênção que se enflora,
De envolta na melodia
Da luminosa alegria
Que te beija e segue além...
Mas se reparas, lá fora,
O quadro que tumultua,
Verás quem passa na rua
Sem ânimo e sem ninguém.

Contemplanás pequeninos
De faces agoniadas,
Pobres mães desesperadas,
Doentes em chaga e dor...

E, ajudando aos peregrinos
 Da esperança quase morta,
 Talvez enxergues à porta
 O Mestre pedindo amor.

É sim!... É Jesus que volta
 Entre os pedestres sem nome,
 Dando pão a quem tem fome,
 Luz às trevas, roupa aos nus!
 Anjo dos Céus sem escolta,
 Embora a expressão serena,
 Tem nas mãos com que te acena
 Os tristes sinais da cruz.

Natal! Reparte o carinho
 Que te envolve a noite santa.
 Veste, alimenta e levanta
 O companheiro a chorar.
 E, na glória do caminho
 Dos teus gestos redentores,
 Recorda por onde fores
 Que o Cristo nasceu sem lar.

IRENE S. PINTO



O Conquistador Diferente

Os conquistadores aparecem no mundo, desde as recuadas eras da selvageria primitiva. E, há muitos séculos, postados em soberbos carros de triunfo, exibem troféus sangrentos e abafam, com aplausos ruidosos, o cortejo de misérias e lágrimas que deixam à distância. Sorridentes e felizes, aceitam as ovações do povo e distribuem graças e honrarias, cobertos de insígnias e incensados pelas frases lisonjeiras da multidão. Vasta fileira de escritores congrega-se-lhes em torno, exaltando-lhes as vitórias no campo de batalha. Poemas épicos e biografias romanceadas surgem no caminho, glorificando-lhes a personalidade que se eleva, perante os homens falíveis, à dourada galeria dos semideuses.

Todavia, mais longe, na paisagem escura, onde choram os vencidos, permanecem as sementeiras de dor que aguardarão os improvisados heróis na paisagem implacável do tempo. Muitas vezes, contudo, não chegam a conduzir para o túmulo as medalhas que lhes brilham no peito dominador, porque a própria vida humana se incumbe de esclarecê-los, através das sombras da derrota, dos espinhos da enfermidade e das amargas lições da morte.

Dario, filho de Histaspes, rei dos persas, após fixar o poderio dos seus exércitos, impôs terríveis sofrimentos à Índia, à Trácia e à Macedônia, conhecendo, em seguida, a amargura e a derrota, à frente dos gregos.

Alexandre Magno, por tantos motivos admirado na história do mundo, titulou-se generalíssimo dos helenos, em plena mocidade e, numa série de movimentos militares que o celebrizaram para sempre, infligiu inomináveis padecimentos aos lares gregos, egípcios e persas; todavia, apesar das glórias bélicas com que desafiava cidades e guerreiros, fazendo-se acompanhar de incêndios e morticínios, rendeu-se à doença que lhe imobilizou os ossos em Babilônia.

Aníbal, o grande chefe cartaginês, espalhou o terror e a humilhação entre os romanos, em sucessivas ações heróicas que lhe immortalizaram o nome, na crônica militar do Planeta; contudo, em seguida à bajulação dos aduladores e à falsa concepção de poder, foi vencido por Cipião, transformando-se num foragido sem esperança, suicidando-se, por fim, num terrível complexo de vaidade e loucura.

Júlio César, o famoso general que pretendia descender de Vênus e de Anquises, constitui um dos maiores expoentes do engenho humano; submeteu a Gália e desbaratou os adversários em combates brilhantes, governando Roma, na qualidade de magnífico triunfador; no entanto, quando mais se lhe dilatava a ambição, o punhal de Bruto, seu

protegido e comensal, assassinou-o, sem comiseração, em pleno Senado.

Napoleão Bonaparte, o imperador dos franceses, depois de exercer no mundo uma influência de que raros homens puderam dispor na Terra, morre, melancolicamente, numa ilha apagada, ao longo da vastidão do mar.

Ainda hoje, os conquistadores modernos, depois dos aplausos de milhões de vozes, após a dominação em que se fazem sentir, magnânimos para os seus amigos e cruéis para os adversários, espalhando condecorações e sentenças condenatórias, caem ruidosamente dos pedestais de barro, convertendo-se em malfeitores comuns, a serem julgados pelas mesmas vozes que lhes cantavam louvores na véspera.

Todos eles, dominadores e tiranos, passam no mundo, entre as púrpuras do poder, a caminho dos mistérios do sofrimento e dos desencantos da morte. Em verdade, sempre deixam algum bem no campo das relações humanas, pelas novas estradas abertas e pelas utilidades da civilização, cujo aparecimento aceleram; todavia, o progresso amaldiçoa-lhes a personalidade, porque as lágrimas das mães, os soluços dos lares desertos, as aflições da orfanidade, a destruição dos campos e o horror da natureza ultrajada, acompanham-nos, por toda parte, destacando-os com execráveis sinais.

Um só conquistador houve no mundo, diferente de todos pela singularidade de sua missão entre

as criaturas. Não possuía legiões armadas, nem poderes políticos, nem mantos de gala. Nunca expediu ordens a soldados, nem traçou programas de dominação. Jamais humilhou e feriu. Cercou-se de cooperadores aos quais chamou "amigos". Dignificou a vida familiar, recolheu crianças desamparadas, libertou os oprimidos, consolou os tristes e sofredores, curou cegos e paralíticos. E, por fim, em compensação aos seus trabalhos, levados a efeito com humildade e amor, aceitou acusações para que ninguém as sofresse, submeteu-se à prisão para que outros não experimentassem a angústia do cárcere, conheceu o abandono dos que amava, separou-se dos seus, recebeu, sem revolta, ironias e bofetadas, carregou a cruz em que foi imolado e sua morte passou por ser a de um ladrão.

Mas, desde a última vitória no madeiro, tecida em perdão e misericórdia, consolidou o seu infinito poder sobre as almas, e, desde esse dia, Jesus-Cristo, o conquistador diferente, começou a estender o seu divino império no mundo, prosseguindo no serviço sublime da edificação espiritual, no Oriente e no Ocidente, no Norte e no Sul, nas mais variadas regiões do Planeta, erguendo uma Terra aperfeiçoada e feliz, que continua a ser construída, em bases de amor e concórdia, fraternidade e justiça, acima da sombria animalidade do egoísmo e das ruínas geladas da morte.

IRMÃO X

4

Súplica do Natal

Na noite santificada,
Em maravilhas de luz,
Sobem preces, cantam vozes
Lembrando-Te, meu Jesus!

Entre as doces alegrias
De Teu Natal, meu Senhor,
Volve ao mundo escuro e triste
Os olhos cheios de amor.

Repara conosco a Terra,
Angustiada e ferida,
E perdoa, Mestre Amado,
Os erros de nossa vida.

Onde puseste a alegria
Da paz, da misericórdia,
Desabam tormentas rudes
De iniquidade e discórdia.

No lugar, onde plantaste
As árvores da união,
Vivem monstros implacáveis
De dor e separação.

Ao longo de Teus caminhos
Sublimes e abençoados,
Surgem trevas pavorosas
De abismos escancarados.

Ao invés de Teus ensinamentos
De caridade e perdão,
Predominam sobre os homens
A sombra, o crime, a opressão.

Perdoa, Mestre, aos que vivem
Erguendo-Te a nova cruz!
Dá-nos, ainda, a bonança
De Tua divina luz.

Desculpa o mundo infeliz,
Distante das leis do bem,
Releva as destruições
Da humana Jerusalém...

Se a inteligência dos homens
Claudicou e recaiu,
A Tua paz não mudou
E o Teu amor não dormiu.

Por isso, ó Pastor Divino,
Nos júbilos do Natal,
Saudamos a Tua estrela
De vida excelsa e imortal.

Que o mundo Te guarde a lei
Pela fé que nos conduz
Das sombras de nossa vida
Ao reino de Tua luz!...

CASIMIRO CUNHA



5

Cartão de Natal

Ao clarão do Natal, que em ti acorda a música da esperança, escuta a voz de alguém que te busca o ninho da própria alma!... Alguém que te acende a estrela da generosidade nos olhos e te adoça o sentimento, qual se trouxesses uma harpa de ternura escondida no peito.

Sim, é Jesus, o amigo fiel, que volta.

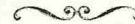
Ainda que não quisesses, lembrar-lhe-ias hoje os dons inefáveis, ao recordares as canções maternas que te embalaram o berço, o carinho de teu pai, ao recolher-te nos braços enternecidos, a paciência dos mestres que te guiaram na escola e o amor puro de velhas afeições que te parecem distantes.

Contemplas a rua, onde luminárias e cânticos lhe reverenciam a glória; entretanto, vergas-te ao peso das lágrimas que te desafogam o coração... É que ele te fala no íntimo, rogando perdão para os que erram, socorro aos que sofrem, agasalho aos que tremem na vastidão da noite, consolação aos que gemem desanimados e luz para os que jazem nas trevas.

Não hesites! Ouve-lhe a petição e faz algo!... Sorri de novo para os que te ofenderam; abençoa os que te feriram; divide o farnel com os irmãos em necessidade; entrega um minuto de reconforto ao doente; oferece uma fatia de bolo aos que oram, sòzinhos, sob ruínas e pontes abandonadas; estende um lençol macio aos que esperam a morte, sem aconchego do lar; cede pequenina parte de tua bolsa no auxílio às mães fatigadas, que se afligem ao pé dos filhinhos que enlanguescem de fome, ou improvisa a felicidade de uma criança esquecida.

Não importa se diga que cultivas a bondade sòmente hoje quando o Natal te deslumbra!... Começemos a viver com Jesus, ainda que seja por algumas horas, de quando em quando, e aprenderemos, pouco a pouco, a estar com ele, em todos os instantes, tanto quanto ele permanece conosco, tornando diàriamente ao nosso convívio e sustentando-nos para sempre.

MEIMEI



Natal de Maria

Noite... Natal!... Na hora derradeira,
Sòzinha num brejão, com sede e fome,
Morre jogada à febre que a consome
A velhinha Maria Cozinheira...

Lembra o Natal dos tempos de solteira,
Olha a esteira enrolada e o chão sem nome,
Mas, de repente, vê que tudo some,
Está livre do corpo e da canseira!...

Ouve cantos no céu que se descerra:
— “Glória a Deus nas alturas!... Paz na Terra...”
Maria, sem querer, sobe espantada...

Nisso, irrompe do Azul divina estrela...
Alguém surge!... É Jesus a recebê-la
No sublime clarão da madrugada.

CORNÉLIO PIRES



Evocação do Natal

O maior de todos os conquistadores, na face da Terra, conhecia, de antemão, as dificuldades do campo em que lhe cabia operar.

Estava certo de que entre as criaturas humanas não encontraria lugar para nascer, à vista do egoísmo que lhes trancava os corações; no entanto, buscou-as, espontâneo, asilando-se no casebre dos animais.

Sabia que os doutores da Lei ouvi-lo-iam indiferentes, com respeito aos ensinamentos da vida eterna de que se fazia portador; contudo, entregou-lhes, confiante, a Divina Palavra.

Não desconhecia que contava simplesmente com homens frágeis e iletrados para a divulgação dos princípios redentores que lhe vibravam na plataforma sublime, e abraçou-os, tais quais eram.

Reconhecia que as tribunas da glória cultural de seu tempo se lhe mantinham cerradas, mas transmitiu as boas novas do Reino da Luz à multidão dos necessitados, inscrevendo-as na alma do povo.

Não ignorava que o mal lhe agrediria as mãos

generosas pelo bem que espalhava; entretanto, não deixou de suportar a ingratidão e a crueldade, com brandura e entendimento.

Permanecia convicto de que as noções de verdade e amor que veiculava levantariam contra ele as matilhas da perseguição e do ódio; todavia, não desertou do apostolado, aceitando, sem queixa, o suplício da cruz com que lhe sufocavam a voz.

É por isso que o Natal não é apenas a promessa da fraternidade e da paz que se renova alegremente, entre os homens, mas, acima de tudo, é a reiterada mensagem do Cristo que nos induz a servir sempre, compreendendo que o mundo pode mostrar deficiências e imperfeições, trevas e chagas, mas que é nosso dever amá-lo e ajudá-lo mesmo assim.

EMMANUEL



8

Pensamentos do Natal

O Natal não é apenas uma festa no coração e no lar. É também a reafirmação da nossa atitude cristã perante a vida.

JOAO DE CARVALHO

*

Natal é o maior dos dons,
Nas celestes alegrias,
Que nos ensina a ser bons
Com Jesus todos os dias.

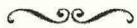
CASIMIRO CUNHA

*

Natal! Barcarola em prece...
Revelação!... Maravilha!...
Na Manjedoura que brilha
Ganha a paz vida e louvor...

É a glória de Deus que desce
Envolvente, bela e pura...
E a Terra põe-se à procura
Do Reino de Luz e Amor.

JOAO DE DEUS



Bilhete a Jesus

Senhor Jesus, enquanto a alegria do Natal acende luzes novas nos lares festivos, torno à velha Palestina, revendo, com os olhos da imaginação, a paisagem de tua vinda...

Roma estendia fronteiras no Nilo, no Eufrates, no Reno, no Tâmisia, no Danúbio, no Mar Morto, no Lago de Genezaré, nas areias do Saara. César "sossegava e protegia" os habitantes das zonas mais remotas, aliciando a simpatia dos príncipes regionais. Todos os deuses indígenas cediam a Júpiter, o dono do Olimpo, de que as águias dominadoras se faziam emissárias, tremulando no topo das galeras, cheias de senhores e de escravos.

Lembras-te, Senhor, de que se fazia uma grande estatística, por ordem de Augusto, o Divino? Otávio, cercado de assessores inteligentes, intensificava a centralização no mundo romano, reorganizando a administração na esfera dos serviços públicos. As circunscrições censitárias na Judeia enchiam-se de funcionários exigentes. Cadastravam-se famílias, propriedades, indústrias. E José e

Maria também se locomoveram, com os demais, para atender as determinações. A sensibilidade israelita poderia manter-se a distância do culto de César, resistindo ao incenso com que se marcava a passagem dos triunfadores, em púrpura sanguinolenta, mas a experiência judaica, estruturada em suor e lágrimas, não se esquivaria à obediência, perante os regulamentos políticos. As estalagens, no entanto, estavam repletas e não conseguiram lugar.

Em razão disso, a estrela gloriosa, que te assinalou a chegada, não brilhou sobre templos ou residências de relevo. Apenas a manjedoura singela ofereceu-te conforto e guarida. Homens e mulheres faziam estatísticas minuciosas de haveres e interesses. Se o governo imperial decretava o recenseamento para reajustar observações e tributos, os governados da província alinhavam medidas, imprimindo modificações aos quadros da vida comum, para se subtraírem, de alguma sorte, às exigências. Permutavam-se cabras e camelos, terras e casas, reduzidos parques agrícolas e pequenas indústrias. Haveria espaço mental para a meditação nas profecias? para cumprir o dever religioso, não bastava comparecer ao Templo de Jerusalém, nos dias solenes, oferecer os sacrifícios prescritos e prosternar-se ante a oferenda sagrada, ao ressoar das trombetas? Razoável, portanto, examinar os melhores recursos e burlar as requisições do romano dominador. A fração do povo eleito, que se aglome-

rava na cidade de David, lia os textos sagrados, recitava salmos e tomava apressado conselho aos livros da sabedoria; entretanto, não considerava pecado matar o tempo em disputas e conversações infundáveis ou enganar o próximo com a elegância possível.

Por essa razão, Senhor, quem gastaria alguns minutos para advogar proteção a Maria e José? Eles traziam a sinceridade dos que andam contigo, falavam de visitas de anjos, de vozes do céu, e o mundo palestinese estava absorvido no apego fanático aos bens imediatos. Comentavam-se, apaixonadamente, as listas e informações alusivas a rebanhos e fazendas. Às narrações do sonho de José ou da experiência de Zacarias, prefeririam notícia-rio referente à produção de farinha ou ao rendimento de pomares...

Todavia, para entregar à Humanidade a divina mensagem de que te fizeste o Depositário Fiel, não te feriste ao choque da indiferença. Começaste, assim mesmo, na manjedoura humilde, o apostolado de bênçãos eternas. O Evangelho iniciou a primeira página viva da revelação nova na estrebaria singela. A Natureza foi o primeiro marco de tua batalha multissecular da luz contra as trevas.

E enquanto prossegues, conquistando, palmo a palmo, o espírito do mundo, os homens continuam fazendo estatísticas inumeráveis...

Aos censos de Otávio, seguiram-se os de Tibério, aos de Tibério sucederam-se arrolamentos de

outros dominadores. Depois do poderio romano fragmentado, outras organizações autoritárias apareceram não menos tirânicas. Dilataram-se os serviços censitários, em toda a parte.

As nações modernas não fazem outra coisa além da extensão do poder, melhorando a estatística que lhes diz respeito.

Inventariavam-se, na antiga Judeia, ovelhas e jumentos, camelos e bois. Hoje, porém, Jesus, o arrolamento é muito mais importante. Com o aperfeiçoamento da guerra, o censo é vital nas decisões administrativas. Antes da carnificina, arregimentam-se estatísticas de canhões, tanques e navios, aviões, metralhadoras e fuzis. Enumeram-se homens por cabeça, no serviço preparatório dos massacres e, em seguida, anotam-se feridos e mutilados. Isso, nas vanguardas de sangue, porque, na retaguarda, o inventário dos grandes e pequenos negócios é talvez mais ativo. Há corridas de armamentos e bancos, valorização e desvalorização de bens móveis e imóveis, câmbio claro e câmbio escuro, concorrência leal e desleal, mercado honesto e clandestino, tudo de acordo com as estatísticas prévias que autorizam providências administrativas e regem o mecanismo da troca.

Nós sabemos que não condenas o ato de contar. Aconselhaste-nos nesse sentido, recomendando que ninguém deve abalançar-se a qualquer construção, antes de contas rigorosas, a fim de que a obra não permaneça inacabada. Entretanto, estamos en-

tediados de tanto recenseamento para a morte, porque, em verdade, nunca estive a casa dos homens tão rica e tão pobre, tão faiscante de esplendores e tão mergulhada nas trevas, tão venturosa e tão infeliz, como agora.

Desejávamos, Mestre, arrolar as edificações da fé, os serviços da esperança, os valores da caridade; contudo, somos ainda muito poucos no setor de interesse pelos sonhos reveladores e pelas vozes do céu. Apesar disso, sabemos que os homens, fanatizados pela estatística das formas percíveis, examinam os gráficos, de olhos preocupados, mas erguem corações ao alto, amargurados e tristes, movimentam-se entre tabelas e números, mas torturados pela sede de infinito...

Quem sabe, Senhor, poderias voltar, consolidando a tua glória, como fizeste há quase vinte séculos?! Entretanto, não nos atrevemos ao convite direto. As estalagens do mundo estão ainda repletas de gente negociando bens transitórios e melhorando o inventário das posses exteriores. Os governos estão empenhados em orçamentos e tributos. Os crentes pousam olhos apressados em teu Evangelho de Redenção e repetem fórmulas verbais, como os judeus de outro tempo, que mastigavam a Lei sem digeri-la. Quase certo que não encontrarias lugar, entre as criaturas. E não desejamos que regressem, de novo, para nascer num estábulo, trabalhar à beira das águas, ministrar a revelação em casas e barcas de empréstimo e mor-

rer flagelado na cruz. Trabalharemos para que a tua glória brilhe entre os homens, para que a tua luz se faça nas consciências, porque, em verdade, Senhor, que adiantaria o teu retorno se a estatística das coisas santas não oferece a menor garantia de vitória próxima? como insistir pela tua volta pessoal e direta se na esfera dos homens ainda não existe lugar onde possas nascer, trabalhar e morrer?

IRMÃO X



10

Súplica de Natal

Senhor, tu que deixaste a rutilante esfera
Em que reina a beleza e em que fulgura a glória,
Acolhendo-te, humilde, à palha merencória
Do mundo estranho e hostil em que a sombra ainda impera!

Tu que por santo amor deixaste a primavera
Da luz que te consagra o poder e a vitória,
Enlaçando na Terra o inverno, a lama e a escória
Dos que gemem na dor implacável e austera...

Sustenta-me na volta à escura estrebaria
Da carne que me espera em noite rude e fria,
Para ensinar-me agora a senda do amor puro!...

E que eu possa em teu nome abraçar, renovada,
A redentora cruz de minha nova estrada,
Alcançando contigo a ascensão do futuro.

CARMEN CINIRA



11

J e s u s

Divino Senhor — fêz-se humilde servo da Humanidade.

Pastor Supremo — nasceu na manjedoura singela.

Ungido da Providência — preferiu chegar ao planeta, no espesso manto da noite, para que o mundo lhe não visse a corte celestial.

Orientador nas Esferas Resplandecentes — rejubilou-se na casinha rústica de Nazaré.

Construtor do Orbe Terrestre — manejou serrotes anônimos de uma carpintaria desconhecida.

Prometido dos Profetas — escolheu a simplicidade para instituir o Reino de Deus.

Enviado às Nações — preferiu conversar com os doutores na condição de criança.

Luzeiro das Almas — consagrou longos anos à preparação e à meditação, a fim de ensinar às criaturas o caminho da redenção.

Verbo Sagrado do Princípio — submeteu-se à limitação da palavra humana para iluminar o mundo.

Sábio dos sábios — valeu-se de pescadores pobres e simples para transmitir aos homens a divina mensagem.

Mestre dos mestres — utilizou-se da cátedra da natureza, entre árvores acolhedoras e barcos rudes, disseminando as primeiras lições do Evangelho Renovador.

Majestade Celeste — conviveu com infelizes e desalentados da sorte.

Príncipe do Bem — não desdenhou as vítimas do mal, amparando mulheres desventuradas e sentando-se à mesa de pecadores envilecidos.

Instrutor de Entidades Angélicas — andou com a multidão de leprosos, estropiados e cegos de todos os matizes.

Administrador da Terra — ensinou o respeito a César, consagrando a ordem e santificação à hierarquia.

Benfeitor das Criaturas — recebeu a calúnia, o ridículo, a ironia, o desprezo público, a prisão dolorosa e o inquérito descabido.

Amigo Fiel — viu-se sòzinho, no extremo testemunho.

Juiz Incorruptível — não reclamou contra os falsos julgamentos de sua obra.

Advogado do Mundo — acolheu a cruz injuriosa.

Ministro Divino da Palavra — adotou o silêncio, ante a ignorância de seus perseguidores.

Dono do Poder — rogou perdão para os próprios algozes.

Médico Sublime — suportou chagas sangui-nolentas.

Jardineiro de Flores Eternas — foi coroado de espinhos cruéis.

Companheiro Generoso — recebeu açoites e bofetadas.

Condutor da Vida — aceitou o crucifixo entre ladrões.

Emissário do Pai — manteve-se fiel a Deus até ao fim.

Mensageiro da Luz Imortal — escolheu o coração amoroso e renovado de Madalena para espalhar na Terra as primeiras alegrias da ressurreição.

Mordomo dos Bens Eternos — em precisando de alguém para colaborar com os seus seguidores sinceros, busca Saulo de Tarso, o perseguidor, e transforma-o no amigo incondicional.

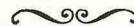
Coordenador da Evolução Terrestre — necessitando de trabalhadores para as missões especializadas, procura os Ananias da fé, os Estêvãos do trabalho e os Barnabés anônimos da cooperação.

Missionário Infatigável da Redenção Humana — foi sempre e ainda é o maior servidor dos homens de todos os tempos e civilizações da Terra.

.....
Recordando o Mestre Divino, convertamo-nos

ao seu Evangelho de Amor, para que a sua luz nasça na manjedoura de nossos corações pobres e humildes! E, edificados no seu exemplo, abracemos a cruz de nossos preciosos testemunhos, marchando ao encontro do Senhor, no iluminado País da Ressurreição Eterna!

ANDRÉ LUIZ



Súplica do Natal

Amado Jesus:
na excelsa manjedoura
que te esconde a glória sublime,
ouve a nossa oração!
Ajuda-nos
a procurar a simplicidade
que nos reúne ao teu amor...
Auxilia-nos
a renascer dentro de nós mesmos,
buscando em Ti a força
para sermos, em Teu Nome,
irmãos uns dos outros!
Mestre do Eterno Bem,
sustenta as nossas almas
a fim de que a alegria
de servir e ajudar
nos ilumine a senda,
não somente na luz
de teu Santo Natal,
mas em todos os dias,
aqui, agora e sempre...

APARECIDA

Humildade Celeste

Ninguém mais humilde que Ele, o Divino Governador da Terra.

Podia eleger um palácio para a glória do nascimento, mas preferiu sem mágoa a manjedoura simples.

Podia reclamar os princípios da cultura para o seu ministério de paz e redenção; contudo, preferiu pescadores singelos para instrumentos sublimes do seu verbo de luz.

Podia articular defesa irresistível a fim de dominar a governança política; no entanto, preferiu render-se à autoridade, presente em sua época, ensinando que o homem deve entregar ao mundo o que ao mundo pertence, e a Deus o que é de Deus.

Podia banir de pronto do colégio apostólico o amigo invigilante, mas preferiu que Judas conseguisse os seus fins, lamentáveis e excusos, descerrando-lhe aos pés o caminho melhor.

Podia erguer-se ao Sol da plena vida eterna, sem voltar-se jamais ao convívio humilhante daqueles que o feriram nos tormentos da cruz; no

entanto, preferiu regressar para o mundo, estendendo de novo as mãos alvas e puras aos ingratos da véspera.

Podia constranger o espírito de Saulo a receber-lhe as ordens, mas preferiu surgir-lhe qual companheiro anônimo, rogando-lhe acordar, meditar e servir, em favor de si mesmo.

Em Cristo, fulge sempre a humildade celeste, pela qual aprendemos que, quanto mais poder, mais amplo o trilho augusto aberto às nossas almas para que nos façamos, não apenas humildes pelos padrões da Terra, mas humildes enfim pelos padrões de Deus.

EMMANUEL



14

Encontro Divino

Na bênção do Natal,
Quando o aprendiz desditoso
Contemplou toda a luz
Que o Mestre lhe trazia,
A Terra transformou-se
Aos seus olhos em pranto.

Renovado e feliz
Reconheceu que a lama
Era adubo sublime;
Notou em cada espinho
Uma vara de flores
E descobriu que a dor,
Em toda parte, é dádiva celeste.

Assombrado,
Viu-se, enfim, tal qual era,
Um filho de Deus-Pai
Ligado em si à Humanidade inteira.

Descortinou mil sendas para o bem
No chão duro que lhe queimava os pés.
Encontrou primaveras

Sob o frio hibernal
E antegozou colheitas multiformes
Na sementeira frágil e enfermiça.

Deslumbrado,
Sentiu, nas flores, estrelas mudas,
Nas fontes, bênçãos do céu exiladas no solo,
E nas vozes humildes da natureza
O cântico da vida
À Bondade Imortal.

Abrira-se-lhe nalma o Grande Entendimento...
Não consegui articular palavra
À frente do mistério.
Sòmente o pranto
De alegria profunda
Orvalhou-lhe o semblante em êxtase divino.

E, desde então,
Passou a servir sem cessar,
Dentro de indevassável silêncio,
Qual se o Mestrè e ele se bastassem um ao outro,
Morando juntos para sempre,
À maneira de duas almas
Vivendo num só corpo
Ou de dois astros
A brilharem unidos,
Em pulsações de luz,
No Coração do Amor.

RODRIGUES DE ABREU

O Encontro Divino

Quando o cavaleiro D'Arsonval, valoroso senhor em França, se ausentou do medievo domicílio, pela primeira vez, de armadura fulgindo ao Sol, dirigia-se à Itália para solver urgente questão política.

Eminente cristão, trazia consigo um propósito central — servir ao Senhor, fielmente, para encontrá-lo.

Não longe de suas portas, viu surgir, de inesperado, ulceroso mendigo a estender-lhe as mãos descarnadas e súplices.

Quem seria semelhante infeliz a vaguear sem rumo?

Preocupava-o serviço importante, em demasia, e, sem se dignar fixá-lo, atirou-lhe a bolsa farta.

O nobre cavaleiro tornou ao lar e, mais tarde, menos afortunado nos negócios, deixou, de novo, a casa.

Demandava a Espanha, em missão de preladados amigos, aos quais se devotara.

No mesmo lugar, postava-se o infortunado pedinte, com os braços em rogativa.

O fidalgo, intrigado, revolveu grande saco de viagem e dele retirou pequeno brilhante, arremessando-o ao triste caminheiro que parecia devorá-lo com o olhar.

Não se passou muito tempo e o castelão, menos feliz no círculo das finanças, necessitou viajar para a Inglaterra, onde pretendia solucionar vários problemas, alusivos à organização doméstica.

No mesmo trato de solo, é surpreendido pelo amargurado leproso, cuja velha petição se ergue no ar.

O cavaleiro arranca do chapéu estimada jóia de subido valor e projeta-a sobre o conhecidoromeiro, orgulhosamente.

Decorridos alguns meses, o patrão feudal se movimentou na direção de porto distante, em busca de precioso empréstimo, destinado à própria economia, ameaçada de colapso fatal, e, no mesmo sítio, com rigorosa precisão, é interpelado pelo mendigo, cujas mãos, em chaga aberta, se voltam ansiosas para ele.

D'Arsonval, extremamente dedicado à caridade, não hesita. Despe fino manto e entrega-o, de longe, receando-lhe o contacto.

Depois de um ano, premido por questões de imediato interesse, vai a Paris invocar o socorro de autoridades e, sem qualquer alteração, é defrontado pelo mesmo lázaro, de feição dolorida, que lhe repete a antiga súplica.

O Castelão atira-lhe um gorro de alto preço,

sem qualquer pausa no galope, em que seguia, presto.

Sucedem-se os dias e o nobre senhor, num ato de fé, abandona a respeitada residência, com séquito festivo.

Representará os seus, junto à expedição de Godofredo de Bouillon, na cruzada com que se pretende libertar os Lugares Santos.

No mesmo ângulo da estrada, era aguardado pelo mendigo, que lhe reitera a solicitação em voz mais triste.

O ilustre viajor dá-lhe, então, rico farnel, sem oferecer-lhe a mínima atenção.

E, na Palestina, D'Arsonval combateu valorosamente, caindo, ferido, em poder dos adversários.

Torturado, combalido e separado de seus compatriotas, por anos a fio, padeceu miséria e vexame, ataques e humilhações, até que, um dia, homem convertido em fantasma, torna ao lar que não o reconhece.

Propalada a falsa notícia de sua morte, a esposa deu-se pressa em substituí-lo, à frente da casa, e seus filhos, revoltados, soltaram cães agressivos que o dilaceraram, cruelmente, sem comiseração para com o pranto que lhe escorria dos olhos semimortos.

Procurando velhas afeições, sofreu repugnância e sarcasmo.

Interpretado, agora, à conta de louco, o ex-fidalgo, em sombrio crepúsculo, ausentou-se, em definitivo, a passos vacilantes...

Seguir para onde? O mundo era pequeno demais para conter-lhe a dor.

Avançava, penosamente, quando encontrou o mendigo.

Relembrou a passada grandeza e atentou para si mesmo, qual se buscasse alguma coisa para dar.

Contemplou o infeliz pela primeira vez e, cruzando com ele o olhar angustiado, sentiu que aquele homem, chagado e sòzinho, devia ser seu irmão. Abriu os braços e caminhou para ele, tocado de simpatia, como se quisesse dar-lhe o calor do próprio sangue. Foi, então, que, recolhido no regaço do companheiro que considerava leproso, dele ouviu as sublimes palavras:

— D'Arsonval, vem a mim! Eu sou Jesus, teu amigo. Quem me procura no serviço ao próximo, mais cedo me encontra... Enquanto me buscavas à distância, eu te aguardava, aqui tão perto! Agradeço o ouro, as jóias, o manto, o agasalho e o pão que me deste, mas há muitos anos te estendia os meus braços, esperando o teu próprio coração!...

O antigo cavaleiro nada mais viu senão vasta senda de luz, entre a Terra e o Céu...

Mas, no outro dia, quando os semeadores regressavam às lides do campo, sob a claridade da aurora, tropeçaram no orvalhado caminho com um cadáver.

D'Arsonval estava morto.

IRMAO X

O Divino Convite

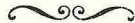
“Vinde a Mim, vós que sofreis!...” —
E a palavra do Senhor,
Tocando nações e leis,
Ressoa, cheia de amor.

Herdeiros tristes da cruz,
Que seguís de alma ferida,
Encontrareis em Jesus
Caminho, verdade e vida.
Famintos de paz e abrigo,
Que lutais no mundo incrêdo,
Achareis no Eterno Amigo
O Pão que desceu do Céu.

Almas sedentas de pouso,
Que à sombra chorais cativas,
Tereis no Mestre Amoroso
A Fonte das Águas Vivas.

Vinde, irmãos, a Jesus-Cristo,
O Guia que nos conduz!
Vosso caso está previsto
Em suas lições de luz.

CASIMIRO CUNHA



17

Natal

*«Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra
e boa vontade para com os Homens.»*

— LUCAS, 2:14.

As legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o Grande Renovador, não apresentaram qualquer ação de reajuste violento.

*

Glória a Deus no Universo Divino.

Paz na Terra.

Boa vontade para com os Homens.

*

O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranquilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir.

*

Nem castigo ao rico avarento.

Nem punição ao pobre desesperado.

Nem desprezo aos fracos.

Nem condenação aos pecadores.

Nem hostilidade para com o fariseu orgulhoso.

Nem anátema contra o gentio inconsciente.

Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa Vontade.

*

A justiça do "olho por olho" e do "dente por dente" encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz.

*

Homens e animais, assombrados ante a luz nascente na estrebaria, assinalaram júbilo inexprimível...

*

Daqule inolvidável momento em diante a Terra se renovaria.

*

O algoz seria digno de piedade.

O inimigo converter-se-ia em irmão transviado.

O criminoso passaria à condição de doente.

Em Roma, o povo gradativamente extinguiria

a matança nos circos. Em Sídon, os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais sofreriam relegados ao abandono nos vales de imundície.

*

Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou, vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.

*

Irmão, que ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, lembra que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

*

Natal! Boa Nova! Boa Vontade!...

Estendamos a simpatia a todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia.

EMMANUEL



Jesus

Reis, juízes, heróis, generais e tiranos,
Entre o ouro e o poder, de vitória, em vitória,
Comandaram na Terra a vida transitória,
Erguendo sobre o povo os braços soberanos.

E passaram fremindo, arrojados e insanos,
Ébrios de ostentação e famintos de glória,
Detendo-se, porém, nos túmulos da História,
Relegados à dor de cruéis desenganos.

Mas o Cristo, na palha, humilde e pequenino,
Traz consigo sòmente o Coração Divino,
Na exaltação do bem que ilumina e socorre...

E, brilhando por sol generoso e fecundo,
Em todas as Nações que engrandecem o mundo
É sempre o Excelso Rei do amor que nunca morre.

AMARAL ORNELLAS



Natal Simbólico

Harmonias cariciosas atravessavam a paisagem, quando o lúcido mensageiro continuou:

— Cada Espírito é um mundo onde o Cristo deve nascer...

Fôra loucura esperar a reforma do mundo, sem o homem reformado. Jamais conheceremos povos cristãos, sem edificarmos a alma cristã...

Eis porque o Natal do Senhor se reveste de profunda importância para cada um de nós em particular.

Temos conosco oceanos de bênçãos divinas, maravilhosos continentes de possibilidades, florestas de sentimentos por educar, desertos de ignorância por corrigir, inumeráveis tribos de pensamentos que nos povoam a infinita extensão do mundo interior. De quando em quando, tempestades renovadoras varrem-nos o íntimo, furacões implacáveis atingem nossos ídolos mentirosos.

Quantas vezes, o interesse egoístico foi o nosso perverso inspirador?

Examinando a movimentação de nossas ideias próprias, verificamos que todo princípio nobre serviu de precursor ao conhecimento inicial do Cristo.

Verificou-se a vinda de Jesus numa época de recenseamento.

Alcançamos a transformação essencial justamente em fase de contas espirituais com a nossa própria consciência, seja pela dor ou pela madureza de raciocínio.

Não havia lugar para o Senhor.

Nunca possuímos espaço mental para a inspiração divina, absorvidos de ansiedades do coração ou limitados pela ignorância.

A única estalagem ao Hóspede Sublime foi a Manjedoura.

Não oferecemos ao pensamento evangélico senão algumas palhas misérrimas de nossa boa vontade, no lugar mais escuro de nossa mente.

Surge o Infante Celestial dentro da noite.

Quase sempre, não sentimos a Bondade do Senhor senão no ápice das sombras de nossas inquietações e falências.

A estrela prodigiosa rompe as trevas no grande silêncio.

Quando o gérmen do Cristo desponta em nossas almas, a estrela da divina esperança desafia nossas trevas interiores, obscurecendo o passado, clareando o presente e indicando o porvir.

Animais em bando são as primeiras visitas ao Enviado Celeste.

Na soledade de nossa transformação moral, em face da alvorada nova, os sentimentos animalizados de nosso ser são os primeiros a defrontar o ideal do Mestre.

Chegam pastores que se envolvem na intensa luz dos anjos que velam o berço divino.

Nossos pensamentos mais simples e mais puros aproximam-se da ideia nova, contagiando-se da claridade sublime, oriunda dos gênios superiores que nos presidem aos destinos e que se acercam de nós, afugentando a incompreensão e o temor.

Cantam milícias celestiais.

No instante de nossa renovação em Cristo, velhos companheiros nossos, já redimidos, exultam de contentamento na esfera superior, dando glória a Deus e bendizendo os espíritos de boa vontade.

Divulgam os pastores a notícia maravilhosa.

Nossos pensamentos, felicitados pelo impulso criador de Jesus, comunicam-se entre si, organizando-se para a vida nova.

Surge a visita inesperada dos magos.

Sentindo-nos a modificação, o mundo observa-nos de modo especial.

Os servos fiéis, como Simeão, expressam grande júbilo, mas revelam apreensões justas, declarando que o Menino surgira para a queda e elevação de muitos em Israel.

Acalentamos o pensamento renovador, no recesso dalma, para a destruição de nossos ídolos de

barro e desenvolvimento dos germens de espiritualidade superior.

Ferido na vaidade e na ambição, Herodes determina a morte do Pequenino Emissário.

A ignorância que nos governa, desde muitos milênios, trabalha contra a ideia redentora, movimentando todas as possibilidades ao seu alcance.

Conserva-se Jesus na casa simples de Nazaré.

Nunca poderemos fornecer testemunho à Humanidade, antes de fazê-lo junto aos nossos, elevando o espírito do grupo a que Deus nos conduziu.

Trabalha o Pequeno Embaixador numa carpintaria.

Em toda realização superior, não poderemos desdenhar o esforço próprio.

Mais tarde, o Celeste Menino surpreende os velhos doutores.

O pensamento cristão entra em choque, desde cedo, com todas as nossas antigas convenções relativas à riqueza e à pobreza, ao prazer e ao sofrimento, à obediência e à mordomia, à filosofia e à instrução, à fé e à ciência.

Trava-se, então, dentro de nosso mundo individual, a grande batalha.

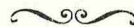
A essa altura, o mensageiro fêz longa pausa.

Flores de luz choviam de mais alto, como alegrias do Natal, banhando-nos a fonte. Os demais companheiros e eu aguardávamos, ansiosos, a con-

tinuação da mensagem sublime; entretanto, o missionário generoso sorriu paternalmente e rematou:

— Aqui termino minhas humildes lembranças do Natal simbólico. Segundo observais, o Evangelho de Nosso Senhor não é livro para os museus, mas roteiro palpitante da vida.

IRMÃO X



Na Noite de Natal

— “Minha mãe, porque Jesus,
Cheio de amor e grandeza,
Preferiu nascer no mundo
Nos caminhos da pobreza?”

Porque não veio até nós
Entre flores e alegrias,
Num berço todo enfeitado
De sedas e pedrarias?”

— “Acredito, meu filhinho,
Que o Mestre da Caridade
Mostrou, em tudo e por tudo,
A luminosa humildade!...

Às vezes, penso também,
Nos trabalhos deste mundo,
Que a Manjedoura revela
Ensino bem mais profundo!”

E a pobre mãe de olhos fixos
Na luz do céu que sorria,
Concluiu com sentimento
Em terna melancolia:

— “Por certo, Jesus ficou
Nas palhas, sem proteção,
Por não lhe abrimos na Terra
As portas do coração.”

JOÃO DE DEUS



21

Prece do Natal

Senhor Jesus!...

Recordando-te a vinda, quando te exaltaste na manjedoura por luz nas trevas, vimos pedir-te a bênção.

Releva-nos se muitos de nós trazemos saudade e cansaço, assombro e aflição, quando nos envolve em torrentes de alegria.

Sabes, Senhor, que temos escalado culminâncias... Possuímos cultura e riqueza, tesouros e palácios, máquinas que estudam as constelações e engenhos que voam no Espaço! Falamos de ti — de ti que volveste dos continentes celestes, em socorro dos que choram na poeira do mundo, no tope dos altos edifícios em que amontoamos reconforto, sem coragem de estender os braços aos companheiros que recolhias no chão...

Destacamos a excelência de teus ensinamentos, agarrados ao supérfluo, esquecidos de que não guardaste uma pedra em que repousar a cabeça; e, ainda agora, quando te comemoramos o natalício, louvamos-te o nome, em torno da mesa farta, trancando

inconscientemente as portas do coração aos que se arrastam na rua!

Nunca tivemos, como agora, tanta abundância e tanta penúria, tanta inteligência e tanta discórdia! Tanto contraste doloroso, Mestre, tão-só por olvidarmos que ninguém é feliz sem a felicidade dos outros... Desprezamos a sinceridade e caímos na ilusão, estamos ricos de ciência e pobres de amor. É por isso que, em te lembrando a humildade, nós te rogamos para que nos perdoes e ames ainda... Se algo te podemos suplicar além disso, desculpa o nada que te ofertamos, em troca do tudo que nos dás e faze-nos mais simples!...

Enquanto o Natal se renova, restaurando-nos a esperança, derrama o bálsamo de tua bondade sobre as nossas preces, e deixa, Senhor, que venhamos a ouvir de novo, entre as lágrimas de júbilo que nos vertem da alma, a sublime canção com que os Céus te glorificam o berço de palha, ao clarão das estrelas:

— Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens!

EMMANUEL



Petições de Natal

Senhor!...
 Quando criança,
 Se surgia o Natal,
 Eu te enfeitava o nome em flores de papel
 E te rogava em oração,
 Tomada de esperança,
 Que me mandasses por Papai Noel
 Uma boneca diferente,
 Que caminhasse à minha frente
 Ou falasse em minha mão...

Noutro tempo, Senhor,
 Jovem pisando alfombras cor-de-rosa,
 De cada vez que ouvia
 Anúncios de Natal,
 Deslumbrada de sonho, eu te pedia
 Um castelo de amor e fantasia
 Para o meu ideal.

Depois... Mulher cansada,
 Quando via o Natal, brilhando à porta,
 Minha pobre ansiedade quase morta

Multiplicava preces
 E suplicava que me desses,
 Na velha angústia minha,
 A ilusão de ser amada,
 Embora, ao fim da estrada,
 Fôsse triste e sôzinha.

Hoje, Senhor,
 Alma livre, no Além, onde o consolo me refaz,
 Ante a luz do Natal, novamente acendida,
 Agradeço-te, em paz,
 Contente e enternecida,
 As surpresas da morte e as lágrimas da vida!...
 E, se posso implorar-te algo à bondade,
 Nunca me dêes aquilo que eu mais queira,

Dá-me a tua vontade
 E o dom da compreensão,
 Entre a humildade verdadeira
 E a serena alegria,
 A fim de que eu te busque, dia-a-dia,
 Mestre do coração!...

MARIA DOLORES



O Divino Servidor

Quando Jesus nasceu, uma estrela mais brilhante que as outras luzia, a pleno céu, indicando a manjedoura.

A princípio, pouca gente lhe conhecia a missão sublime.

Em verdade, porém, assumindo a forma duma criança, vinha Ele, da parte de Deus, nosso Pai Celestial, a fim de santificar os homens e iluminar os caminhos do mundo.

O Supremo Senhor que no-lo enviou é o Dono de Todas as Coisas. Milhões de mundos estão governados por suas mãos. Seu poder tudo abrange, desde o Sol distante até o verme que se arrasta sob nossos pés; e Jesus, emissário d'Ele na Terra, modificou o mundo inteiro. Ensinando e amando, aproximou as criaturas entre si, espalhou as sementes da compaixão fraternal, dando ensejo à fundação de hospitais e escolas, templos e instituições, consagrados à elevação da Humanidade. Influenciou, com seus exemplos e lições, nos grandes impérios, obrigando príncipes e administradores, egoístas e maus,

a modificarem programas de governo. Depois de sua vinda, as prisões infernais, a escravidão do homem pelo homem, a sentença de morte indiscriminada a quantos não pensassem de acordo com os mais poderosos, deram lugar à bondade salvadora, ao respeito pela dignidade humana e pela redenção da vida, pouco a pouco.

Além dessas gigantescas obras, nos domínios da experiência material, Jesus, convertendo-se em Mestre Divino das almas, fez ainda muito mais.

Provou ao homem a possibilidade de construir o Reino da Paz, dentro do próprio coração, abrindo a estrada celeste à felicidade de cada um de nós.

Entretanto, o maior embaixador do Céu para a Terra foi igualmente criança.

Viveu num lar humilde e pobre, tanto quanto ocorre a milhões de meninos, mas não passou a infância despreocupadamente. Possuiu companheiros carinhosos e brincou junto deles. No entanto, era visto diariamente a trabalhar numa carpintaria modesta. Vivia com disciplina. Tinha deveres para com o serrote, o martelo e os livros. Por representar o Supremo Poder, na Terra, não se movia à vontade, sem ocupações definidas. Nunca se sentiu superior aos pequenos que o cercavam e jamais se dedicou à humilhação dos semelhantes.

Eis porque o jovem mantido à solta, sem obrigações de servir, atender e respeitar, permanece em grande perigo.

Filho de pais ricos ou pobres, o menino deso-

cupado é invariavelmente um vagabundo. E o vagabundo aspira ao título de malfeitor, em todas as circunstâncias. Ainda que não possua orientadores esclarecidos no ambiente em que respira, o jovem deve procurar o trabalho edificante, em que possa ser útil ao bem geral, pois se o próprio Jesus, que não precisava de qualquer amparo humano, exemplificou o serviço ao próximo, desde os anos mais tenros, que não devemos fazer a fim de aproveitar o tempo que nos é concedido na Terra?

NEIO LÚCIO



24

Jesus

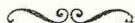
Jesus foi na Terra
 A mais perfeita encarnação do Amor Divino.
 E ainda hoje,
 Nos dias amargurados que transcorrem,
 É para a Humanidade
 A promessa da Paz,
 O manto protetor
 Que abriga os aflitos e os infelizes,
 O pão que sacia os esfomeados das verdades eternas,
 A fonte que desaltera todos os sofredores.

Apegai-vos a Ele, cheios de confiança!
 Ele é a misericórdia personificada,
 O Jardineiro Bendito
 Que jorra, no coração
 Dos transviados do caminho do Bem,
 As sementes do arrependimento
 Que hão-de florir na Regeneração
 E frutificar na perfeita felicidade espiritual.

Ouvi a sua voz
 No silêncio da consciência que vos fala

Do cumprimento austero
 De todos os deveres cristãos,
 E um dia
 Descansareis reunidos,
 Ligados pelos liames inquebrantáveis
 Da fraternidade além da morte,
 À sombra da árvore luminosa
 Das boas ações que praticastes,
 Longe das lágrimas
 Do orbe obscuro,
 Dos prantos e das provações remissoras!...

MARTA



Ante o Divino Mestre

Senhor Jesus!

Grandes reformadores da vida religiosa passaram no mundo antes de Ti.

Sacerdotes chineses e hindus, persas e egípcios, gregos e judeus referiram-se à Lei, traçando diferentes caminhos às cogitações humanas.

Um dos maiores de todos, Moisés, viveu entre príncipes da ciência, fêz-se condutor de multidões, plasmou sagrados princípios de justiça e, após sofrer as vicissitudes de sua época, expirou no monte Nebo, contemplando a gleba farta que prometera ao seu povo.

Outro Senhor, o grande Siddharta, converteu-se em arrimo dos penitentes da Terra, ensinando a compaixão, depois de renunciar, ele próprio, o Bem-aventurado, às alegrias do seu palácio, para morrer, em seguida a sublimes testemunhos de simplicidade e de amor, entre flores de Kucinagara...

Todos eles passaram, induzindo os homens à solidariedade e ao dever, exalçando o coração e purificando a inteligência.

Profetas hebreus numerosos antecederam-Te os passos, esboçando o roteiro da luz...

Alguns deles encontraram o escárnio e a flagelação em lutas enormes, confinadas, porém, ao âmbito particular do povo a que serviam.

Nenhum, no entanto, acendeu tantos conflitos com o mandato de que se faziam intérpretes, quando confrontados contigo, a quem se negou um lar para nascer.

Por onde passaste extremavam-se as paixões.

Contraopondo-se ao carinho que Te consagravam as almas simples de Cafarnaum, recebeste o ódio gratuito dos espíritos calculistas de Jerusalém.

Em Tua estrada, aglutinaram-se a fraqueza e a ingratidão, a crueldade e a secura, tecendo a rede de trevas na qual Te conduziram à cruz entre malfeitores.

Em oposição à tranquilidade silenciosa que se estendeu sobre a morte dos grandes enviados do Céu que Te precêderam, de Teu túmulo aberto ergueu-se a mensagem da eternidade, gritante e magnífica, pela qual os Teus seguidores experimentaram a perseguição e o sacrifício, em trezentos anos de sangue e lágrimas nos cárceres de martírio ou na humilhação dos espetáculos públicos...

Ê que não apenas ensinaste a bondade, praticando-a impecavelmente, mas revelaste os segredos da morte.

Conversaste com as almas desencarnadas padecentes, através dos enfermos que Te procuravam,

transfiguraste as próprias energias no cimo do Tabor, dando ensejo a que se materializassem, diante dos discípulos extáticos, Espíritos gloriosos de Tua equipe celeste.

Reabriste os olhos cadaverizados do filho da viúva de Naim e trouxeste de novo à existência o Espírito de Lázaro que se achava distanciado do corpo inerte, encarecendo e exaltando a responsabilidade da criatura, que receberá sempre de acordo com as próprias obras.

Agarrados à posse efêmera da estação terrestre, os homens não Te perdoaram a Revelação inesquecível e Te condenaram à morte, buscando sufocar-Te a palavra, olvidando que a Tua doutrina, marcada de amor e perdão, já se havia incorporado para sempre aos ouvidos da Humanidade. E, retomando-lhes o convívio, ressuscitado em Tua forma sublime, mais lhes aumentaste o espanto da consciência entenebrecida.

Desde então, Senhor, acirrou-se a antinomia entre a luz e a treva...

Os Teus apóstolos exibiam fenômenos mediúnicos maravilhosos, arrebatando a admiração e o respeito da turba que os cercava, mas bastou que no dia do Pentecostes transmitissem os ensinamentos dos desencarnados, em diversas línguas, para que fôssem categorizados por ébrios que o vinho fazia desvairar. Enquanto Paulo de Tarso, inspirado, se detinha na Acrópole sobre os grandes temas do destino, conquistava a atenção dos atenienses

ilustres, mas bastou que aludisse à ressurreição dos mortos, para que fôsse abandonado por todos eles à zombaria e à solidão.

E ainda hoje, Mestre, anotamos por toda a parte o terror da responsabilidade de viver.

Quase todos os homens aceitam o apoio da religião, sempre que se lhes lisonjeie a inferioridade e se lhes endossem os caprichos no culto externo, prestigiando as autoridades de superfície que lhes desaconselhem pensar.

Acreditam comprar o Céu a preço de oferendas materiais ou de atitudes estudadas na convenção e imaginam que esse ou aquele inimigo está reservado aos tormentos do inferno. Entretanto, se alguém lhes recorda a realidade, mostrando a morte como prosseguimento da vida, com a exação da Lei que confere a cada criatura o salário correspondente aos próprios atos, azeda-se-lhes o fervor, passando a abominar quantos lhes sacodem a mente entorpecida. E agora, como antigamente, associam rebelião e vaidade para asfixiar o verbo revelador onde surja. Improvisam tentações e pavores ao redor daqueles que se dedicam à verdade, e, se esses lhes não caem nas armadilhas e se lhes não temem as ameaças, empreendem campanhas lamentáveis, em que a difamação e o ridículo funcionam por goliath atroz nas gargantas que desferem a palavra divina do Teu Evangelho Libertador.

Aos espíritas, Senhor, que Te exumam as lições do acervo de cinzas do tempo, cabe agora o privilé-

gio de semelhantes assaltos. Porque se reportam à responsabilidade da criatura, no campo da vida eterna, e porque demonstram que a sepultura é portal da imortalidade, são conduzidos ao pelourinho da execração, caluniados e escarnecidos.

Como se lhes não possa interromper a existência, a fio de espada, emudecendo-se-lhes a mensagem de luz, pisa-se-lhes o coração na praça pública com as varas da mentira e do sarcasmo, para que o desânimo e o sofrimento lhes apressem o fim.

Mas sabemos que Tu, Senhor, és hoje, como ontem, o Herói do Túmulo Vazio...

Aqueles que Te colocaram suspenso na cruz, por Te negarem residência na Terra, não sabiam que Te alçavam mais alto a visão para que lhes observasses os movimentos na sombra.

Mestre Redivivo, que ainda agora enches de terrível assombro quantos estimariam que não tivesses vivido entre os homens, fixa Teu complacente olhar sobre nós e aparta-nos da treva de todos os que se acomodam com a saliva da injúria! E revigora-nos a consolação e a esperança, porque sabemos, Senhor, que, como outrora, ante os discípulos assustados, estarás com os Teus aprendizes fiéis, em todo instante de angústia, exclamando, imperturbável:

— “Tende bom ânimo! Eu estou aqui.”

IRMAO X

26

Prece de Natal

Senhor, desses caminhos cor de neve
 De onde desceste um dia para o mundo,
 Numa visão radiosa, linda e breve
 De amor terno e profundo,
 Das amplidões augustas dos Espaços,
 No teu Natal de eternos esplendores,
 Abriga nos teus braços
 A multidão dos seres sofredores!...

Que em teu Nome
 Receba um pão o pobre que tem fome,
 Um trapo o nu, o aflito uma esperança.
 Que em teu Natal a Terra se transforme
 Num caminho sublime, santo e enorme
 De alegria e bonança!

Apesar dos exemplos da humildade
 Do teu amor a toda a Humanidade,
 A Terra é o mundo amargo dos gemidos,
 De tortura, de treva e impenitência,

Que a luz do amor de tua Providência
 Ampare os seres tristes e abatidos.

.....

E em teu Natal, reunidos nós queremos,
 Mesmo no mundo dos desencarnados,
 Esquecer nossas dores e pecados,
 Nos afetos mais doces, mais extremos,
 Reviver a efeméride bendita
 Da tua aparição na Terra aflita,
 Unir a nossa voz à dos pastores,
 Lembrando os milagrosos esplendores
 Da estrela de Belém,
 Pensando em ti, reunindo-nos no Bem
 Na mais pura e divina vibração,
 Fazendo da humildade
 Nosso caminho de felicidade,
 Estrada de ouro para a Perfeição!

CARMEN CINIRA

27

Meditando o Natal

Na exaltação do Natal do Senhor, acalentemos nossa fé em Jesus, sem nos esquecermos da fé que Jesus deposita em nós.

Não desceria o Senhor da comunhão com os Anjos, sem positiva confiança nos homens.

É por isso que, da Manjedoura de Simplicidade e Alegria à Cruz da Renúnciação e da Morte, vemos-lo preocupado na recuperação das criaturas.

Convida pescadores humildes ao seu ministério salvador e transforma-os em advogados da redenção humana.

Vai ao encontro de Madalena, possuída pelos adversários do bem, e converte-a em mensageira de luz.

Chama Zaqueu, mergulhado no conforto da posse material, e faz dele o administrador consciente e justo.

Não conhece qualquer desânimo, ante a negação de Pedro, e nele edifica o apóstolo fiel que lhe defenderia o Evangelho até ao martírio e à crucificação.

Não se agasta com as dúvidas de Tomé e ele-

va-o à condição de missionário valoroso, que lhe sustenta a Causa, até ao sacrifício.

Não se sente ofendido aos golpes da incompreensão de Saulo, o perseguidor, e visita-o, às portas de Damasco, investindo-o na posição de emissor de Sua Graça, coroado de claridades eternas...

A fé e o otimismo do Cristo começaram na descida à estrebaria singela e continuam, até hoje, amparando-nos e redimindo-nos, dia a dia...

Assinalando, assim, os júbilos do Natal, recordemos a confiança do Mestre e afeiçoemo-nos à sua obra de amor e luz, tomando por marco de partida a nossa própria existência.

O Senhor nos conclama à tarefa que o Evangelho nos assinala...

Nos primeiros três séculos de Cristianismo, os discípulos que lhe ouviram a Celeste Revelação levantaram-se e serviram-no com sangue e sofrimento, aflicção e lágrimas.

Que nós outros estejamos agora dispostos a consagrar-lhe igualmente as nossas vidas, considerando o crédito moral que a atitude d'Ele para conosco significa...

Aprendamos, trabalhemos e sirvamos, até que um dia, qual aconteceu ao velho Simeão, da Boa Nova, possamos exclamar ante a Presença Divina:

— “Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra, porque, em verdade, meus olhos já viram a salvação.”

EMMANUEL

Pensamentos do Natal

Cada vez que o Natal volta de novo
A cantar e fulgir,
Cristo retorna ao coração do povo,
Aclarando o porvir.

AMARAL ORNELLAS

*

Natal!... Ante o bolo à mesa,
Lembra os filhos da tristeza,
Mergulhados na aflição...
Nosso Senhor continua
Buscando, de rua em rua,
O abrigo do coração.

IRENE S. PINTO

*

Mestre, por teu exemplo de bondade
Todos nós recebemos, cada dia,

Os tesouros da paz e da alegria
Nos talentos divinos da humildade.
É por Ti, meu Senhor, na palha agreste,
Revestida de excelsos resplendores,
Que pisamos o chão de nossas dores
Como quem segue para o Lar Celeste!...

JÊSUS GONÇALVES

*

Na celebração do Natal, diminui quanto possível a matança dos animais — nossos companheiros na romagem evolutiva. Não olvidemos que o Senhor encontrou junto deles o seu primeiro lar, na insegurança da estrebaria.

EMMANUEL



Na Glória do Natal

Senhor — rei divino projetado às sombras da manjedoura —, diante do teu berço de palha recordo-me de todos os conquistadores que te antecederam na Terra.

Em rápida digressão, vejo Sesóstris, em seu carro triunfal, pisando escravos e vencidos, em nome do Egito sábio, e Cambises, rei dos persas, ocupando o vale do Nilo, antes poderoso e dominador.

Reparo as lutas sanguinolentas dos assírios, disputando a hegemonia do seu império dividido e infeliz.

Nabopolassar e Nabucodonosor reaparecem à minha frente, arrasando Nínive e atacando Jerusalém, cercados de súditos a se banquetearem sobre presas misérrimas para desaparecerem, depois, num sudário de cinza.

Não observo, contudo, apenas o gentio, na pilhagem e na discórdia, expandindo a própria ambição; o povo escolhido, apesar dos desígnios celestes que lhes fulguram na lei, entrega-se, de quando em quando, à sementeira de miséria e ruína;

revoluções e conflitos ceifam as doze tribos e orgulho desvairado compele irmãos ao extermínio de irmãos.

Revejo os medas, açoitados pelos cimerianos e citas.

Dario surge, ao meu olhar assombrado, envolvido nos esplendores de Persépolis para mergulhar-se, em seguida, nos labirintos do túmulo.

Esparta e Atenas, entre códigos e espadas, se estraçalham mutuamente, no impulso de predomínio; numerosos tiranos, dentro de seus muros, manobram o cetro da governança, fomentando a humilhação e o luto.

Alexandre, à maneira de privilegiado, passa esmagando cidades e multidões, deixando um cortejo de lágrimas, atrás da fanfarras guerreira que lhe abre caminho à morte, em plena mocidade.

E os romanos, Senhor? Desde as alucinações dos descendentes de Príamo ao último dos imperadores, deposto por Odoacro, jamais esconderam a vocação do poder, arrojando povos livres ao despeanhadeiro da destruição...

Todos os conquistadores vieram e dominaram, surgindo na condição de pirilampos barulhentos, confundidos, à pressa, num turbilhão de desencanto e poeira, mas Tu, Soberano Senhor, te contentaste com o berço da estrebaria!

Ministros e sábios não te contemplaram, na hora primeira, mas humildes pastores ajoelharam, sorri-

dentes, diante de Ti, buscando a luz de teus olhos angelicais...

Hinos de guerra não se fizeram ouvir à tua chegada libertadora; todavia, em sinal de reconhecimento, cânticos abençoados de louvor subiram ao Céu, dos corações singelos que te exaltavam a Estrela Gloriosa, a resplandecer nos constelados caminhos.

Os outros, Senhor, conquistaram à custa de punhal e veneno, perseguição e força, usando exércitos e prisões, assassinio e tortura, traição e vingança, aviltamento e escravidão, títulos fantasiosos e arcas de ouro...

Tu, entretanto, perdoadando e amando, levantando e curando, modificaste a obra de todos os déspotas e legisladores que procediam do Egito e da Assíria, da Judeia e da Fenícia, da Grécia e de Roma, renovando o mundo inteiro.

Não mobilizaste soldados, mas ensinaste a um punhado de homens valorosos a luminosa ciência do sacrifício e do amor. Não argumentaste com os reis e com os filósofos; no entanto, conversaste fraternalmente com algumas crianças e mulheres humildes, semeando a compreensão superior da vida no coração popular...

E por fim, Mestre, longe de escolheres um trono de púrpura a fim de administrares o Reino Divino de que te fizeste embaixador e ordenador, preferiste o sólio da cruz, de cujos braços duros e tristes ainda nos endereças compassivo olhar, convidando-nos à

caridade e à harmonia, ao entendimento e ao perdão...

Conquistador das almas e governador do mundo, agora que os teus tutelados afiam as armas para novos duelos sangrentos, neste século de esplendores e trevas, de renovação e morticínio, de esperanças e desilusões, ajuda-nos a dobrar a cerviz orgulhosa, diante do teu berço de palha singela!...

Mestre da Verdade e do Bem, da Humildade e do Amor, permite que o astro sublime de teu Natal brilhe, ainda, na noite de nossas almas e estende-nos caridosas mãos para que nos livremos de velhas feridas, marchando ao teu encontro na verdadeira senda de redenção.

IRMÃO X

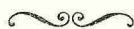


Canção do Natal

Mestre Amado, agradecemos,
 Em teu Natal de alegria,
 A paz que nos anuncia
 A vida superior...
 Por nossa esperança em festa,
 Pelo pão, pelo agasalho,
 Pelo suor do trabalho,
 Louvado sejas, Senhor!...

Envoltos na luz da prece,
 Louvamos-te os dons supremos,
 Nas flores que te trazemos,
 Cantando de gratidão!...
 Felizes e reverentes,
 Rogamos-te, Doce Amigo,
 A bênção de estar contigo
 No templo do coração.

CASIMIRO CUNHA



Rogativa de Natal

Senhor Jesus!

Quando chegaste à Terra, através dos panos da manjedoura, aguardava-te a Escritura como sendo a luz para os que jazem assentados nas trevas!...

E, em verdade, Senhor, as sombras dominavam o mundo inteiro...

Sombras no trabalho, em forma de escravidão...

Sombras na justiça, em forma de crueldade...

Sombras no templo, em forma de fanatismo...

Sombras na governança, em forma de tirania...

Sombras na mente do povo, em forma de ignorância e de miséria...

Pouco a pouco, no entanto, ao clarão de tua infinita bondade, quebraram-se as algemas da escravidão, transformou-se a crueldade em apreciáveis direitos humanos, transmudou-se o fanatismo em fé raciocinada, converteu-se a tirania em administração e, gradualmente, a ignorância e a miséria vão recebendo o socorro da escola e da solidariedade.

Entretanto, Senhor, ainda sobram trevas no amor, em forma de egoísmo!

Egoísmo no lar...

Egoísmo no afeto...

Egoísmo na caridade...

Egoísmo na prestação de serviço...

Egoísmo na devoção...

Mestre, dissipa o nevoeiro que nos obscurece ainda os horizontes e ensina-nos a amar como nos amaste, sem buscar vaidosamente naqueles que amamos o reflexo de nós mesmos, porque, somente em nos sentindo verdadeiros irmãos uns dos outros, é que atingiremos, com a pura fraternidade, a nossa ressurreição para sempre.

EMMANUEL



Ser Cristão

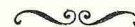
O Evangelho no mundo é o Livro da Alegria,
Revelando em Jesus o Coração da História.
Sob a estrela fulgente e em cânticos de glória,
A Manjedoura surge e a Graça principia.

Nas Bodas de Caná, o Senhor faz-se o guia
Da festa de noivado, em milagre e vitória,
E em toda a Galileia é a beleza incorpórea,
Trazendo amor e sol à Terra escura e fria.

Converte a própria cruz, que o flagela e domina,
Em mensagem da vida imortal e divina,
Doando à fé sublime augusta sementeira.

Em júbilo sem par, alcançando o Infinito,
Ser cristão é ser luz ao mundo amargo e aflito,
Pelo dom de servir à Humanidade inteira.

OLAVO BILAC



33

Mestre e Discípulo

Nasce o Mestre — na manjedoura do coração,
 Sorri divinamente — entre os impulsos sentimentais.
 Mostra-se à razão — à luz da estrela da fé,
 Desenvolve-se, dia a dia — sob os cuidados da alma,
 Alegria a paisagem mental — renovando a esperança!...

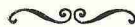
Ainda menino — sobe ao templo do cérebro
 E fala com simplicidade — confundindo raciocínios
 doutos.
 Movimenta-se, desde então — no cosmos individual,
 Aproveita sentimentos singelos — como se valeu
 dos pescadores humildes,

E começa o apostolado — da conversão do aprendiz.
 Devolve movimento — ao coração paralítico,
 Restitui a visão — aos olhos enganados,
 Limpa a lepra do mal — ao pensamento invigilante;

Equilibra-lhe a mente — invadida pelos princípios
 das trevas,
 Revela-lhe a lei do amor — acima dos códigos hu-
 manos,
 Transforma-o, dia a dia — pela divina atuação.
 E, quando o mundo inferior se rebela contra o
 discípulo,
 Une-se mais a ele — no cenáculo do espírito,
 Dá-lhe instruções baseadas — na submissão a Deus,
 Revela-lhe o mundo maior — glorificando o sacri-
 fício,
 Dilata-lhe a personalidade — exemplificando a re-
 núncia,
 Eleva-lhe a estatura — semeando entendimento...
 Atingido o Calvário — das responsabilidades in-
 teriores,
 Quando o aprendiz isolado — está sozinho em si
 mesmo, entre milhões de pessoas,
 E' o mesmo Senhor — nascido no presepe íntimo,
 Que o ampara — no monte do crânio,
 Concedendo-lhe serenidade — para a cruz dos tes-
 temunhos,
 A fim de que aprenda — em turbilhões de luta,
 A sofrer — amando,
 A orar — construindo,
 A morrer — perdoadando,
 Para que em pleno infinito — da ressurreição
 eterna,
 Haja mais luz divina — sobre as trevas humanas,

Mais alegria celeste — sobre as dores terrenas,
E nova bênção resplandeça — no círculo das cria-
turas,
Em favor de nossa redenção — para um mundo
melhor.

ANDRÊ LUIZ



Rimas do Natal

Natal! — enquanto enfarpelas
Teu salão aurifulgente,
Desfilam, junto às janelas,
As dores de muita gente.

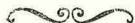
Natal!... Um pobre foi visto,
Passando sob pedradas.
Soube, depois, que era o Cristo
Batendo a portas fechadas.

Natal! Quem foge ao preceito
De repartir o seu pão
Carrega um calhau no peito,
Em forma de coração.

O Natal em toda idade
É sempre nova alegria,
Mas nos dons da caridade,
O Natal é todo dia.

Natal!... Festeja esquecendo
 Quaisquer preconceitos vãos...
 Natal é Jesus dizendo
 Que todos somos irmãos.

LEÔNICIO CORREIA



35

Página do Natal

“Luz para alumiar as nações.” — *Lucas, 2-32.*

Há claridade nos incêndios destruidores que
 consomem vidas e bens.

Resplendor sinistro transparece nos bombar-
 deios que trazem a morte.

Reflexos radiosos surgem do lança-chamas.

Relâmpagos estranhos assinalam a movimen-
 tação das armas de fogo.

*

No Evangelho, porém, é diferente.

*

Comentando o Natal, assevera Lucas que o
 Cristo é a luz para alumiar as nações.

Não chegou impondo normas ou pensamento
 religioso.

Não interpelou governantes e governados sobre
 processos políticos.

Não disputou com os filósofos quanto às origens dos homens.

Não concorreu com os cientistas na demonstração de aspectos parciais e transitórios da vida.

*

Fêz luz no espírito eterno.

*

Embora tivesse o ministério endereçado aos povos do mundo, não marcou a sua presença com expressões coletivas de poder, quais exército e sacerdócio, armamentos e tribunais.

Trouxe clareza para todos, projetando-a de si mesmo.

Revelou a grandeza do serviço à coletividade, por intermédio da consagração pessoal ao Bem Infinito.

*

Nas reminiscências do Natal do Senhor, meu amigo, medita no próprio roteiro.

Tens suficiente luz para a marcha?

Que espécie de claridade acendes no caminho?

Foge ao brilho fatal dos curtos-circuitos da cólera, não te contentes com a lanterninha da vaidade que imita o pirilampo em voo baixo, dentro da noite, apaga a labareda do ciúme e da discórdia

que atrai corações aos precipícios do crime e do sofrimento.

Se procuras o Mestre Divino e a experiência cristã, lembra-te de que na Terra há clarões que ameaçam, perturbam, confundem e anunciam arrastamento...

*

Estarás realmente cooperando com o Cristo, na extinção das trevas, acendendo em ti mesmo aquela sublime luz para alumiar?

EMMANUEL



36

Conto de Natal

A noite é quase gelada...
 Contudo, Mariazinha
 É a menina de outras noites
 Que treme, tosse e caminha...

Guizos longe, guizos perto...
 É Natal de paz e amor.
 Há muitas vozes cantando:
 — “Louvado seja o Senhor!”

A rua parece nova:
 Qual jardim que floresceu.
 Cada vitrine enfeitada
 Repete: “Jesus nasceu!”

Descalça, vestido roto,
 Mariazinha lá vai...
 Sòzinha, sem mãe que a beije,
 Menina triste, sem pai.

Aqui e ali, pede um pão...
 Está faminta e doente.
 — “Vadia, saia depressa!” —
 É o grito de muita gente.

— “Menina ladra! — outros dizem.
 — “Fuja daqui, pata feia!
 Toda criança perdida
 Deve dormir na cadeia.”

Mariazinha tem fome
 E chora, sentindo em torno
 O vento que traz o aroma
 Do pão aquecido ao forno.

Abatida, fatigada,
 Depois de percurso enorme,
 Estira-se na calçada...
 Tenta o sono, mas não dorme.

Nisso, um moço calmo e belo
 Surge e fala, doce e brando:
 — Mariazinha, você
 Está dormindo ou pensando?

A pequenina responde,
 Erguendo os bracinhos nus:
 — Hoje é noite de Natal,
 Estou pensando em Jesus.

— Não recorda mais alguém?
E ela, a chorar, disse: — Eu
Penso também, com saudade,
Em minha mãe que morreu...

— Se Jesus aparecesse,
Que é que você queria?
— Queria que ele me desse
Um bolo da padaria...

Depois de comer, então
— E a pobre sorriu contente —
Queria um par de sapatos
E uma blusa grande e quente...

Depois... queria uma casa,
Assim como todos têm...
Depois de tudo... eu queria
Uma boneca também...

— Pois saiba, Mariazinha,
Eu lhe digo que assim seja!
Você hoje terá tudo
Aquilo que mais deseja.

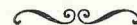
— Mas, o senhor quem é mesmo?
E ele afirma, olhos em luz:
— Sou seu amigo de sempre,
Minha filha, eu sou Jesus!...

Mariazinha, encantada,
Tonta de imensa alegria,
Pôs a cabeça cansada
Nos braços que ele estendia...

E dormiu, vendo-se outra,
Em santo deslumbramento,
Aconchegada a Jesus
Na glória do firmamento.

No outro dia, muito cedo,
Quando o lojista abre a porta,
Um corpo caiu, de leve...
A menina estava morta.

FRANCISCA CLOTILDE



O Peru Pregador

Um belo peru, após conviver largo tempo na intimidade duma família que dispunha de vastos conhecimentos evangélicos, aprendeu a transmitir os ensinamentos de Jesus, esperando-lhe também as divinas promessas. Tão versado ficou nas letras sagradas que passou a propagá-las entre as outras aves.

De quando em quando, era visto a falar em sua estranha linguagem "glá-glé-gli-gló-glu". Não era, naturalmente, compreendido pelos homens. Mas os outros perus, as galinhas, os gansos e os marrecos, bem como os patos, entendiam-no perfeitamente.

Começava o comentário das lições do Evangelho e o terreiro enchia-se logo. Até os pintainhos se aquietavam sob as asas maternas, a fim de ouvi-lo.

O peru, muito confiante, assegurava que Jesus-Cristo era o Salvador do Mundo, que viera alumiar o caminho de todos e que, por base de sua doutrina, colocara o amor das criaturas umas para com

as outras, garantindo a fórmula de verdadeira felicidade na Terra. Dizia que todos os seres, para viverem tranquilos e contentes, deveriam perdoar aos inimigos, desculpar os transviados e socorrê-los.

As aves passaram a venerar o Evangelho; todavia, chegado o Natal do Mestre Divino, eis que alguns homens vieram aos lagos, galinheiros, currais e, depois de se referirem excessivamente ao amor que dedicavam a Jesus, lançaram frangos, patinhos e perus, matando-os, ali mesmo, ante o assombro geral.

Houve muitos gritos e lamentações, mas os perseguidores, alegando a festa do Cristo, distribuíram pancadas e golpes à vontade.

Até mesmo a esposa do peru pregador foi também morta.

Quando o silêncio se fêz no terreiro, ao cair da noite, havia em toda a parte enorme tristeza e irremediável angústia de coração.

As aves aflitas rodearam o doutrinador e criaram-no de perguntas dolorosas.

Como louvar um Senhor que aceitava tantas manifestações de sangue na festa de natalício? como explicar tanta maldade por parte dos homens que se declaravam cristãos e operavam tanta matança? não cantavam eles hinos de homenagem ao Cristo? não se afirmavam discípulos d'Ele? precisavam, então, de tanta morte e tanta lágrima para reverenciarem o Senhor?

O pastor alado, muito contrafeito, prometeu

responder no dia seguinte. Achava-se igualmente cansado e oprimido. Na manhã imediata, ante o Sol rutilante do Natal, esclareceu aos companheiros que a ordem de matar não vinha de Jesus, que preferira a morte no madeiro a ter de justificar, que deviam todos eles continuar, por isso mesmo, amando o Senhor e servindo-o, acrescentando que lhes cabia perdoar setenta vezes sete. Explicou, por fim, que os homens degoladores estavam anunciados no versículo quinze do capítulo sete, do Apóstolo Mateus, que esclarece — “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores”. Em seguida, o peru recitou o capítulo cinco do mesmo evangelista, comentando as bem-aventuranças prometidas pelo Divino Amigo aos que choram e padecem no mundo.

Verificou-se, então, imenso reconforto na comunidade atormentada e aflita, porque as aves se recordaram de que o próprio Senhor, para alcançar a Ressurreição Gloriosa, aceitara a morte de sacrifício igual à delas.

NEIO LÚCIO



Ante Jesus

Eis que passa no tempo a imensa caravana —
A multidão revel que humilhada se agita —
Reis, tiranos e heróis, rondando a turba aflita
E fugindo à verdade augusta e soberana.

Sobre carros triunfais, a Treva se engalana...
E a mendaz ilusão fremente, goza e palpita
Para rojar-se, após a miséria infinita,
Na cinza a que se acolhe a majestade humana.

Mas Tu, Mestre da Paz, que a bondade ilumina,
Guardas, imorredoura, a grandeza divina,
Sem que o lodo abismal Te ofenda ou desconforte.

Tudo passa, descendo à sombra do caminho,
Mas no sôlio da cruz inda imperas sôzinho,
Na vitória do amor que fulge além da morte.

AMARAL ORNELLAS



Oração do Natal

Senhor Jesus. Há quase dois milênios, estabelecias o Natal com a tua doce humildade na manjedoura, onde te festejaram todas as harmonias da natureza. Reis e pastores vieram de longe, trazendo-te ao berço pobre o testemunho de sua alegria e de seu reconhecimento. As estrelas brilharam com luz mais intensa nos fulgores do céu e uma delas destacou-se no azul do firmamento, para clarificar o suave momento de tua glória. Desde então, Senhor, o mundo inteiro, pelos séculos afora, cultivou a lembrança da tua grande noite, extraordinária de luz e de belezas diversas.

Agora, porém, as recordações do Natal são muito diversas.

Não se ouvem mais os cânticos dos pastores, nem se percebem os aromas agrestes da Natureza.

Um presepe do século XX seria certamente arranjado com eletricidade, sobre uma base de bombas e de metralhadoras, onde aquela legenda suave

do "Gloria in excelsis Deo" seria substituída por um apelo revolucionário dos extremismos políticos da atualidade.

As comemorações já não são as mesmas.

Os locutores de rádio falarão da tua humildade, no cume dos arranha-céus, e, depois de um programa armamentista, estranharão, para os seus ouvintes, que a tua voz pudesse abençoar os pacíficos, prometendo-lhes um lugar de bem-aventurados, embora haja isso ocorrido há dois mil anos.

Numerosos escritores falarão, em suas crônicas elegantes, sobre as crianças abandonadas, estampando nos diários um conto triste, onde se exalte a célebre virtude cristã da caridade; mas, daí a momentos, fecharão a porta dos seus palacetes ao primeiro pobrezinho.

Contudo, Senhor, entre os superficialismos desta época de profundas transições, almas existem que te esperam e te amam. Tua palavra sincera e branda, doce e enérgica, lhes magnetiza os corações, na caprichosa e interminável esteira do tempo. Elas andam ocultas nas planícies da indiferença e nas montanhas de iniquidade deste mundo. Conservam, porém, consigo a mesma esperança na tua inesgotável misericórdia.

Ê com elas e por elas que, sob as tuas vistas amoráveis, trabalham os que já partiram para o mundo das suaves revelações da Morte. Ê com a fé admirável de seus corações que semeamos, de novo, as tuas promessas imortais, entre os escom-

bros de uma civilização que está agonizando, à míngua de amor.

É por essa razão que, sem nos esquecermos dos pequeninos que agrupavas em derredor da tua bondade, nos recordamos hoje, em nossa oração, das crianças grandes, que são os povos deste século de pomposas ruínas.

Tu, que és o príncipe de todas as nações e a base sagrada de todos os surtos evolutivos da vida planetária; que és a misericórdia infinita, rasgando todas as fronteiras edificadas no mundo pelas misérias humanas, reúne a tua família espiritual, sob as algemas da fraternidade e do bem que nos ensinaste!...

Em todos os recantos do orbe, há bocas que maldizem e mãos que exterminam os seus semelhantes. Os espíritos das trevas fazem chover o fogo de suas forças apocalípticas sobre as organizações terrestres, ateando o sinistro incêndio das ambições, na alma de multidões alucinadas e desvalidas. Por toda a parte, assomam os falsos ídolos da impenitência do mundo e místicas políticas, saturadas do vírus das mais nefastas paixões, entornam sobre os espíritos o vinho ignominioso da Morte.

Mas, nós sabemos, Senhor, como são falazes e enganadoras as doutrinas que se afastam da seiva sagrada e eterna dos teus ensinamentos, porque dissipas misericordiosamente a confusão de todas as almas,

ainda que os seus arrebatamentos se apoiem nas paixões mais generosas.

Tu, que andavas descalço pelos caminhos agrestes da Galileia, faze florescer, de novo, sobre a Terra, o encanto suave da simplicidade no trabalho, trazendo ao mundo a luz cariciosa de tua oficina de Nazaré!...

Tu, que és a essência de nossos pensamentos de verdade e de luz, sabes que todas as dores são irmãs umas das outras, bem como as esperanças que desabrocham nos corações dos teus frágeis tutelados, que vibram nos mesmos ideais, aquém ou além das linhas arbitrárias que os homens intitularam de fronteiras!

Todas as expressões da filosofia e da ciência dos séculos terrenos passaram sobre o mundo, enchendo as almas de amargas desilusões. Numerosos sábios e numerosos políticos te ridicularizaram, desdenhando as tuas lições inesquecíveis, mas, nós sabemos que existe uma verdade que dissimulaste aos mais inteligentes para a revelares às crianças, encontrada, aliás, por todos os homens, filhos de todas as raças, sem distinção de crenças ou de pátrias, de tradições ou de família, que pratiquem a caridade em teu nome...

Pastor do rebanho de ovelhas tresmalhadas, desde o primeiro dia em que o sopro divino da vontade do Nosso Pai fêz brotar a erva tenra, no imenso campo da existência terrestre, pairas acima de todos os povos e de suas transmigrações incessan-

tes, no curso do tempo, ensinando as criaturas humanas a considerar o nada de suas inquietações, em face do dia glorioso e infinito da Eternidade!...

Agora, Senhor, que as línguas da impiedade conclamam as nações para um novo extermínio, manifesta a tua bondade, ainda uma vez, aos homens infelizes, para que compreendam, a tempo, a extensão do seu ódio e de sua perversidade.

Afasta o dragão da guerra de sobre o coração dilacerado das mães e das crianças de todos os países, curando as chagas dos que sangram de dor selvagem à beira dos caminhos.

Revela aos homens que não há outra força além da tua e que nenhuma proteção pode existir, além daquela que se constitui da segurança de tua guarda!

Ensina aos sacerdotes de todas as crenças do Globo, que falam em teu nome, o desprendimento e a renúncia dos bens efêmeros da vida material, a fim de que entendam as virtudes do teu reino, que ainda não reside nas suntuosas organizações dos Estados deste mundo!

Tu, que ressuscitaste Lázaro das sombras do sepulcro, revigora o homem moderno, no túmulo das suas vaidades apodrecidas!

Tu, que fizeste que os cegos vissem, que os mudos falassem, abre de novo os olhos rebeldes de tuas ovelhas ingratas e desenrola as línguas da verdade e do direito, que o medo paralisou, nesta hora torva de penosos testemunhos!

Senhor, desencarnados e encarnados, trabalhamos no esforço abençoado de nossa própria regeneração, para o teu serviço divino!

Nestas lembranças do Natal, recordamos a tua figura simples e suave, quando ias pelas aldeias que bordavam o espelho claro das águas do Tibériades!... Queremos o teu amparo, Senhor, porque agora o lago de Genesaré é a corrente represada de nossas próprias lágrimas. Pensamos ainda ver-Te, quando vinhas de Cesareia de Filipe para abraçar o sorriso doce das criancinhas... De teus olhos misericordiosos e compassivos, corria uma fonte perene de esperanças divinas para todos os corações; de tua túnica humilde e clara, vinha o símbolo da paz para todos os homens do porvir e, de tuas palavras sacrossantas, vinha a luz do céu, que confunde todas as mentiras da Terra!...

Senhor, estamos reunidos em teu Natal e suplicamos a tua bênção!... Somos as tuas crianças, dentro da nossa ignorância e da nossa indigência!... Apiada-te de nós e dize-nos ainda:

— “Meus filhinhos...”

HUMBERTO DE CAMPOS



Bilhete de Natal

Meu amigo, não te esqueças,
Pelo Natal de Jesus,
De cultivar na lembrança
A paz, a verdade e a luz.

Não olvides a oração
Cheia de fé e de amor,
Por quem passa, sobre a Terra,
Encarcerado na dor.

Vai buscar o pobrezinho
E o triste que nada tem...
O infeliz que passa ao longe
Sem o afeto de ninguém.

Consola as mães sofredoras
E alegra o órfão que vai
Pelas estradas do mundo
Sem os carinhos de um pai.

Mas escuta: Não te esqueças,
Na doce revelação,
Que Jesus deve nascer
No altar do teu coração.

CASIMIRO CUNHA



41

Mestre e Aprendiz

... E respondendo ao discípulo que lhe pedira ensinasse a orar, disse o Mestre generoso:

Quando rogares amor, não abandones o próximo ao frio da indiferença.

Quando suplicares o dom da fé viva, não releges teu irmão à descrença ou à tortura mental.

Quando pedires luz, não condenes teu companheiro à perturbação nas trevas.

Quando solicitares a bênção da esperança, não espalhes o fel da desilusão.

Quando implorares socorro, não olvides a assistência que deves aos mais necessitados.

Quando rogares consolação, não veicules o desespero à margem do caminho.

Quando pedires perdão, desculpa os que te ofendem.

Quando suplicares justiça, em favor da própria segurança, não te descuides da harmonia de todos que precisas assegurar ao preço de tua renúncia e de tua humildade, a benefício dos que te cercam.

Se reclamas pela claridade da paz, não estendas a sombra da discórdia; se pedes compreensão, não critiques; se aguardas concurso do Céu, não menosprezes a colaboração que o mundo te pede à boa vontade.

Assim como fizeres aos outros, assim será feito a ti mesmo.

Segundo plantares, colherás.

Não olvides, assim, que a Vontade do Senhor é também a Lei Eterna e que tudo te responderá na vida, conforme os teus próprios apelos.

Vai, pois, e, orando, perdoa e ajuda sempre!...

Foi então que o aprendiz, reconhecendo que não basta simplesmente pedir para receber a felicidade, passou a construí-la através do serviço à felicidade dos outros, compreendendo, por fim, que somente pelo trabalho incessante no bem poderia orar em perfeita comunhão com a Bondade de Deus.

EMMANUEL



Evangelho

Baseando no Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo a predicação do apostolado que lhes compete, os Espíritos Superiores não se apegam a qualquer nuvem de mistério para sustentar o alimento à fé religiosa, em cuja renascença colaboram, na qualidade de homens redivivos.

É que a vida extrafísica promove, nos que pensam, mais altas ilações com respeito à realidade.

Se há leis que presidem ao desenvolvimento do corpo, há leis que regem o crescimento da alma.

Jesus no estábulo não é um fenômeno isolado no espaço e no tempo: é acontecimento vivo para o espírito humano.

Cristo-Homem veio plasmar o Homem-Cristo.

Há quem enxergue no Cristianismo a simples apologia do sofrimento. Acusam-no pensadores e filósofos vários, tachando-o em oposição à beleza e à alegria. Para eles, Jerusalém teria asfixiado a felicidade e o encanto da vida, a fluir vitoriosa e serena nos ajuntamentos da Grécia e de Roma.

Antes do Mestre, a única beleza espiritual, ge-

ralmente conhecida, era aquela das virtudes filosóficas e políticas que o homem representativo da escola, da justiça ou do poder mantinha, valoroso, até à morte.

Com exceção de Çakia-Muni, o príncipe sublime que se retirou do mundo convencional para viver pelos seus semelhantes, os grandes heróis do pensamento aceitam a perseguição e o extermínio, mas, é força reconhecê-lo, com a vaidade dos triunfadores.

Bebem cicuta ou abrem as próprias veias, ilhados na fortaleza da superioridade individual. Sócrates é o filósofo sublime, confortado pela solidariedade dos discípulos. Sêneca é o professor honrado, que estimula com o sacrifício de si mesmo a indignação contra a tirania.

Com Jesus, a renúncia é diferente.

O Divino Crucificado sobe ao Calvário sem o apoio dos amigos. Suas últimas palavras são dirigidas a um ladrão. Sua morte não exalta o orgulho de um grupo, nem constitui incentivo à revolta. A ordem que lhe escapa do excelso comando é a de servir sem desfalecimento, com obrigações de amor, perdão e auxílio constantes, ainda aos inimigos. Seu olhar, do cimo da cruz, abarca o mundo inteiro.

Com Ele começa a agir o escopro do verdadeiro bem, operando sobre a dureza da animalidade o gradual aperfeiçoamento da alma divina.

As chagas que lhe cobrem o corpo represen-

tam o louvor ao trabalho de aprimoramento e elevação do espírito, iniciando a era de legítima fraternidade entre os homens.

O Evangelho é, por isso, o viveiro celeste para a criação de consciências sublimadas.

Nasce a mente na carne e nela renasce, inúmeras vezes, buscando o sagrado objetivo do seu engrandecimento. E no intrincado jogo das experiências compreende na dor o instrumento ideal da santificação. Recebendo os séculos por dias preciosos e rápidos de serviço, enceta a gloriosa carreira, com a juvenildade da razão, amadurecendo-se na ciência e na virtude, através de reencarnações numerosas.

Conquista-se, sacrificando-se.

Quanto mais fornece de si em trabalho vantajoso a todos, mais se enriquece no mealheiro individual. Quanto mais distribui em amor, mais recebe em poder.

Supera-se, quebrando limitações, doando o bem pelo mal, a simpatia pela aversão, a claridade pela sombra.

A Boa Nova oferece as medidas espirituais para que se atinjam as dimensões da vida genuinamente cristã, nas quais desfere o espírito excelso voo para as Esferas Resplandescentes.

A carne é a sagrada retorta em que nos demos nos processos de alquimia santificadora, transubstanciando paixões e sentimentos ao calor das circunstâncias que o tempo gera e desfaz.

Cada ensinamento do Mestre, efetivamente aplicado, é específico redentor, brunindo a alma imperecível, tornando-a em obra viva de estatuária divina.

O que nos parece dor, é bênção.

O que se nos afigura sofrimento, é socorro.

Onde choramos com o espinho, recolhemos uma lição.

Daí o motivo de se escudarem os emissários de nosso plano na predicação de Jesus, desvelando aos homens os pórticos sublimes da era nova.

Quando fixarmos nas páginas vivas do próprio ser os ensinamentos do Cristo, afeiçoando-nos automaticamente a eles, tanto quanto se nos adaptam os pulmões ao ar que respiramos, habilitar-nos-emos ao programa de ação dos anjos, por enquanto incompreensível à nossa inteligência.

Renascimento e morte no patrimônio físico são simples acidentes da vida espiritual progressiva e eterna.

Quando o homem termina o repasto da ilusão, aqui ou ali, perguntas milenárias lhe acodem, precipites, à mente insatisfeita.

Donde venho? para onde vou? qual a finalidade do destino? porque a lágrima? — interroga, aflito, com ânsias análogas a de todos os vanguardeiros da vida superior que tiveram a coragem de partir, antes dele, para os cimos da imortalidade.

Quando o aprendiz indaga, experimentando au-

têntica sede da verdade, é, sem dúvida, chegado o momento iluminativo do Mestre.

Sem Jesus, que nos confere sublime resposta aos enigmas do caminho, converter-se-ia a existência em labirinto inextricável de padecimentos inúteis.

O Além é a continuação do Aquém.

Um século sucede-se a outro.

O filho é o herdeiro dos pais.

Não existe milagre.

Há lei, evolução, crescimento e trabalho com o prêmio da sublimação ao esforço.

O simples intercâmbio com a vida espiritual nada mais é que mera permuta de valores para estimular a experiência comum. Mas toda vez que encontrarmos o Evangelho do Senhor inspirando a renovação de nossa atitude pessoal, à frente do mundo, guardemos a certeza de que nos achamos em comunhão frutífera com a bendita claridade do Caminho, da Verdade e da Vida.

FRANCISCO DO MONTE ALVERNE



Natal...

Diante do bolo iluminado, abraças, feliz, os entes amados que chegaram de longe...

Ouves a música festiva que passa, de leve, por moldura de harmonia às telas da natureza... Entretanto, quando penetrares o templo da oração, reverenciando o Mestre que dizes amar, mentaliza o estábulo pobre.

Ignoramos de que estrela estaria chegando o Sublime Renovador, mas todos sabemos em que ponto da Terra começou ele o apostolado divino.

Recorda as mãos fatigadas dos tratadores de animais, os dedos calosos dos homens do campo, o carinho das mulheres simples que lhe ofertaram as primeiras gotas do próprio leite e o sorriso ingênuo dos meninos descalços que lhe receberam do olhar a primeira nota de esperança.

Lembra-te do Senhor, renunciando aos caminhos constelados de luz para acolher-se, junto dos corações humildes que o esperavam, dentro da noite, e desce também da própria alegria, para ajudar no vale dos que padecem...

Contemplarás, de alma surpresa, a fila dos que se arrastam, de olhos enceguecidos pela garoa das lágrimas. Ladeando velhinhos que tosseem ao desabrigo, há doentes e mutilados que suspiram pelo lençol de refúgio na terra seca. Surgem mães infelizes que te mostram filhinhos nus e crianças desajustadas para quem o pão farto nunca chegou. Trabalhadores cansados falam de abandono e jovens subnutridos se referem ao consolo da morte...

Divide, porém, com eles o tesouro de teu conforto e de tua fé e, nos recintos de palha e sombra a que te acolhes, encontrarás o Cristo no coração, transfigurando-te a vida, ao mesmo tempo que, nos escaninhos da própria mente, escutarás, de novo, o cântico do Natal, como que repetido na pauta dos astros:

— Glória a Deus nas alturas e boa vontade para com os homens!...

MEIMEI



Simão, o Mendigo

Doente, pobre, velhinho,
O desditoso Simão,
Arrimado a seu bordão,
Andava devagarinho...

Pés e mãos em chaga aberta,
Lá ia o velho, coitado!
Enfermo, desamparado
E humilde na estrada incerta.

Cabelo todo branquinho,
Rugosa a face morena,
O pobre metia pena
A vagar pelo caminho...

De onde viera? Ora, quem
Buscava saber ao certo?
Vinha de longe ou de perto?
Ninguém sabia, ninguém.

Só lhe sabiam do nome,
E que, em miséria, sem nada,
Ele esmolava na estrada,
A fim de matar a fome.

Estendendo seu chapéu,
Pedia, cheio de dor:
— Uma esmola, meu senhor,
Por amor ao Pai do Céu!...

Mas, oh! Deus, que desalento
Neste mundo de aflição!
Ninguém ouvia Simão
Nas horas do sofrimento.

— Passai de largo! é leproso!... —
Diziam homens cruéis —
— Oh! não vos aproximeis
Deste ancião perigoso!...

— Ah! que graça! Põe-te à brisa! —
Exclamava outro passante —
Nada de esmola ao tratante,
Que este velho não precisa!...

O mendigo, nos seus ais,
Dizia: — Viva a saúde!
Trabalhei enquanto pude,
Agora, não posso mais...

Toda a gente lhe fugia,
Ninguém lhe dava uma sopa,
Nem um trapinho de roupa
Para a noite da agonia.

Muito tempo era passado,
E o desditoso velhinho
Sentia-se mais sôzinho,
Mais doente, mais cansado...

Chegou, enfim, um momento
Em que o velho sofredor
Caiu de frio e de dor
Na estrada do sofrimento.

Caiu e sonhou, contente,
Embora a sede e o cansaço,
Que Jesus vinha do Espaço
Dizendo-lhe, docemente:

“— Escuta, meu bom Simão,
Não temas, querido amigo!
Sê forte! Eu estou contigo.
Chegaste à ressurreição.

Não chores. Estou aqui!...
Terminou tua aflição,
Estás em meu coração!
Pensavas que te esqueci?

Enquanto o mundo enganado
Atormentava-te ao peso
De zombaria e desprezo,
Eu sempre estive ao teu lado.

Teus prantos e tuas dores
São, hoje, a luz que te veste
No campo do amor celeste,
Repleto de eternas flores.”

E Jesus, em voz mais terna,
Concluía: — “Vem, Simão,
A doce consolação
Do mundo de luz eterna!...”

E Simão, chorando e rindo,
A seguir, ditoso, o Mestre,
Esqueceu a dor terrestre,
No céu venturoso e lindo.

O caminho era de estrelas
De tão sublime matiz
Que o pobre ria, feliz,
Sem saber como entendê-las.

No outro dia, ao reconforto
Do Sol de coroa erguida,
Acharam Simão sem vida...
O mendigo estava morto.

JOÃO DE DEUS

O Advogado da Cruz

No mundo antigo, o apelo à Justiça significava a punição com a morte. As dívidas pequeninas representavam cativo absoluto. Os vencidos eram atirados nos vales imundos. Arrastavam-se os delinquentes nos cárceres sem esperança. As dádivas agradáveis aos deuses partiam das mãos ricas e poderosas. Os tiranos cobriam-se de flores, enquanto os miseráveis se trajavam de espinhos.

Mas, um dia, chegou ao mundo o Sublime Advogado dos oprimidos. Não havia, na Terra, lugar para Ele. Resignou-se a alcançar a porta dos homens, através de uma estrebaria singela.

Em breve, porém, restaurava o templo da fé viva, na igreja universal dos corações amantes do bem. Deu vista aos cegos. Curou leprosos e paralíticos. Dignificou o trabalho edificante, exaltou o esforço dos humildes, quebrou as algemas da ignorância, instituiu a fraternidade e o perdão.

Processaram-no, todavia, os homens perversos, à conta de herético, feiticeiro e ladrão.

Depois do insulto, da ironia, da pedrada, con-

duziram-no ao madeiro destinado aos criminosos comuns.

Ele, que ensinara a Justiça, não se justicou; que salvara a muitos, não se salvou da crucificação; que sabia a verdade, calou-se para não ferir os próprios verdugos.

Desde esse dia, contudo, o Sublime Advogado transformou-se no Advogado da Cruz e, desde o supremo sacrifício, sua voz tornou-se mais alta para os corações humanos. Ele, que falava na Palestina, começou a ser ouvido no mundo inteiro; que apenas conversava com o povo de Israel, passou a entender-se com as várias nações do Globo; que somente se dirigia aos homens de pequeno país, passou a orientar os missionários retos de todos os serviços edificantes da Humanidade.

Que importam, pois, nos domínios da Fé, as perseguições da maldade e os ataques da ignorância? O Advogado da Cruz continua operando em silêncio e falará, em todos os acontecimentos da Terra, aos que possuam "ouvidos de ouvir".

EMMANUEL



Pensamentos do Natal

Sempre que te decidas a concretizar ideias e planos, na exaltação do bem, recorda que Jesus, o Governador da Terra, começou o apostolado da redenção humana no obscuro recanto da estrebaria.

BEZERRA DE MENEZES

*

Repara a Manjedoura pequenina
E entenderás, na bênção que te invade,
Que Jesus nos impele à disciplina
Pelo rude caminho da humildade.

ARLINDO COSTA

*

Quando te sentires tão infortunado e tão pobre
que não possas ajudar aos mais pobres e mais in-

fortunados que tu mesmo, lembra-te de que o Senhor, relegado ao abandono e à carência no estábulo humilde, era louvado nas vozes dos anjos e marcado no céu pela luz de uma estrela.

EURIPEDES BARSANULFO



Crônica do Natal

Desde a ascensão de Herodes, o Grande, que se fizera rei com o apoio dos romanos, não se falava na Palestina senão no Salvador que viria enfim...

Mais forte que Moisés, mais sábio que Salomão, mais suave que David, chegaria em suntuoso carro de triunfo para estender sobre a Terra as leis do Povo Escolhido.

Por isso, judeus prestigiosos, descendentes das doze tribos, preparavam-lhe oferendas em várias nações do mundo.

Velhas profecias eram lidas e comentadas, na Fenícia e na Síria, na Etiópia e no Egito.

Dos confins do Mar Morto às terras de Abilena, tumultuavam notícias da suspirada reforma...

E mãos hábeis preparavam com devotamento e carinho o advento do Redentor.

Castiçais de ouro e prata eram burilados em Cesareia, tapetes primorosos eram tecidos em Damasco, vasos finos eram importados de Roma, perfumes raros eram trazidos de remotos rincões da

Pérsia... Negociantes habituados à cobiça cediam verdadeiras fortunas ao Templo de Jerusalém, após ouvirem as predições dos sacerdotes, e filhos tostados do deserto vinham de longe trazer ao santuário da raça a contribuição espontânea com que desejavam formar nas homenagens ao Celeste Renovador.

Tudo era febre de expectativa e ansiedade.

Palácios eram reconstruídos, pomares e vinhas surgiam cuidadosamente podados, touros e carneiros, cabras e pombos eram tratados com esmero para o regozijo esperado.

Entretanto, o Emissário Divino desce ao mundo na sombra espessa da noite.

Das torres e dos montes, hebreus inteligentes recolhem a grata notícia... Uma estrela estranha rutila no firmamento.

O Enviado, porém, elege pequena manjedoura para seu berço de luz.

Milícias angelicais rejubilam-se em pleno céu...

Mas nem príncipes, nem doutores, nem sábios e nem poderosos da Terra lhe assistem a consagração comovente e sublime.

São pastores humildes que se aproximam, estendendo-lhe os braços.

Camponeses amigos trazem-lhe peles surradas.

Mulheres pobres entregam-lhe gotas de leite alvo.

E porque as vozes do Céu se fazem ouvir, cristalinas e jubilosas, cantam eles também...

— “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os Homens!...”

Ali, na estrebaria singela, estão Ele e o povo...

E o povo com Ele inicia uma nova era...

.....
 É por isso que o Natal é a festa da bondade vitoriosa.

Lembrando o Rei Divino que desceu da Glória à Manjedoura, reparte com teu irmão tua alegria e tua esperança, teu pão e tua veste.

Recorda que Ele, em sua divina magnificência, elegeu por primeiros amigos e benfeitores aqueles que do mundo nada possuíam para dar, além da pobreza ignorada e singela.

Não importa sejas, por enquanto, terno e generoso para com o próximo somente um dia...

Pouco a pouco, aprenderás que o espírito do Natal deve reinar conosco em todas as horas de nossa vida.

Então, serás o irmão abnegado e fiel de todos, porque, em cada manhã, ouvirás uma voz do Céu a sussurrar-te, sutil:

— Jesus nasceu! Jesus nasceu!...

E o Mestre do Amor terá realmente nascido em teu coração para viver contigo eternamente.

IRMÃO X



Lembrança do Natal

Natal!... Reina a Celeste Barcarola!...
Enquanto te refazes na alegria,
Muita gente padece a noite fria
Ao rigor da aflição que desconsola.

Desce à escura tristeza que te espia
Do cárcere de angústia em que se isola...
E espalha o bem por sacrossanta esmola
Do teu farnel de luz e de harmonia!

Abre teu coração!... Ajuda e abraça
O sofrimento ou a sombra de quem passa
Em desespero rígido e infecundo!...

E o Cristo, renascendo no teu peito,
Será, contigo, o Amor puro e perfeito,
Tecendo a paz e a redenção do Mundo.

AUTA DE SOUZA



Mensagem do Natal

*"Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e
boa vontade para com os homens."*
(LUCAS, 2:14).

O cântico das legiões angélicas, na Noite Divina, expressa o programa do Pai acerca do apóstolado que se reservaria ao Mestre nascente.

*

O louvor celeste sintetiza, em três enunciados pequeninos, a plataforma do Cristianismo inteiro.

*

Glória a Deus nas Alturas, significando o imperativo de nossa consagração ao Senhor Supremo, de todo o coração e de toda a alma.

Paz na Terra, traduzindo a fraternidade que nos compete incentivar, no plano de cada dia, com todas as criaturas.

Boa Vontade para com os homens, definindo as nossas obrigações de serviço espontâneo, uns à frente dos outros, no grande roteiro da Humanidade.

*

O Natal exprime renovação da alma e do mundo, nas bases do Amor, da Solidariedade e do Trabalho.

*

Dantes, os que se anunciavam, em nome de Deus, exibiam a púrpura dos triunfadores sobre o acervo de cadáveres e despojos dos vencidos.

Com o Enviado Celeste, que surge na Manjedoura, temos o Divino Vencedor arrebanhando os fracos e os sofredores, os pobres e os humildes para a revelação do Bem Universal.

*

Dantes, exércitos e armadilhas, flagelos e punhais, chuvas de lodo e lama para a conquista sanguinolenta.

Agora, porém, é um Coração armado de Amor, aberto à compreensão de todas as dores, ao encontro das almas.

Não amaldiçoa.

Não condena.

Não fere.

Fortalece as boas obras.

Ensina e passa.

Auxilia e segue adiante.

Consola os aflitos, sem esquecer-se de consagrar o júbilo esponsalício de Caná.

Reconforta-se com os discípulos no jardim doméstico; todavia, não desampara a multidão na praça pública.

Exalta as virtudes femininas no Lar de Pedro; contudo, não menospreza a Madalena transviada.

Partilha o pão singelo dos pescadores, mas não menoscaba o banquete dos publicanos.

Cura Bartimeu, o cego esquecido; entretanto, não olvida Zaquaeu, o rico enganado.

Estima a nobreza dos amigos; contudo, não desdenha a cruz entre os ladrões.

O Cristo na Manjedoura representava o Pai na Terra.

O cristão no mundo é o Cristo dentro da vida.

*

Natal! Glória a Deus! Paz na Terra! Boa Vontade para com os Homens!

*

Se já podes ouvir a mensagem da Noite Inesquecível, recorda que a Boa Vontade para com todas as criaturas é o nosso dever de sempre.

EMMANUEL



Os Animais Ante o Natal

Entretéciamos animada conversação, em torno dos abusos da mesa nas comemorações natalinas, com o parecer do grave Jonathan ben Asser, que asseverava a conveniência de ater-se o homem ao sacrifício dos animais apenas quanto ao estritamente necessário, quando o velho Ebenezer ben Aquim, orientador de grupos hebraicos do Mundo Espiritual, tomou a palavra e se exprimiu conciso:

— Talvez não saibam vocês quanto devemos aos bichos na manifestação do Evangelho...

E, ante a nossa curiosidade, narrou, comovido:

— Há muitos anos, ouvi do rabi Eliúde, que se encontra agora nas esferas superiores, interessantes minudências em torno do nascimento de Jesus. Contou-nos esse antigo mentor de israelitas desencarnados que a localização de José da Galileia e da companheira nos arredores de Belém de Judá não foi assim tão fácil.

O casal, que se compunha da jovem Maria, tocada de singular formosura, e do patriarca que a recebera por esposa, em madureza propecta, entrou

na cidade quando as ruas e hospedarias se mostravam repletas.

Os descendentes do ramo de David reuniam-se aos magotes para atender ao recenseamento determinado pelo governo de Augusto.

Bronzeados cameleiros do deserto confraternizavam com vinhateiros de Gaza, negociantes domiciliados em Jericó entendiam-se com mercadores residentes no Egito.

Acompanhados por benemérita legião de Espíritos sábios e magnânimos, a cuja frente se destacava o abnegado Gabriel, que anunciara a Maria a vinda do Senhor, José e a consorte bateram primeiramente às portas da estalagem de Abias, filho de Sadoc, que para logo os rechaçou com a negativa; entretanto, pousando os olhos malevolentes na jovem desposada, ensaiou graçola irreverente, o que fêz que José, apreensivo, estugasse o passo para diante.

Recorreram aos préstimos de Jorão, usurário que alugava cômodos a forasteiros. O ricaço considerou, de imediato, a impossibilidade de acolhê-los, mas, ao examinar a beleza da moça nazarena, chamou à parte o enrugado carpinteiro e indagou se a menina era filha de escravos que se pudesse obter a preço amoedado... José, mais aflito, demandou a frente para esbarrar na pensão de Jacob, filho de Josias, antigo estalajadeiro, que declarou impraticável o alojamento dos viajantes; no entanto, ao fixar-se na recém-chegada, perguntou desa-

bridamente como é que um varão, assim velho, tinha coragem de exhibir uma jovem daquela raridade na praça pública. Deprimido, o ancião diligenciou alcançar pousada próxima; contudo, as invectivas de Jacob atraíram curiosos e vadios que cercaram o par, crivando-o de injúrias.

Os recém-vindos de Nazaré, vendo-se alvo de chufas e zombarias, tropeçavam humilhados...

Gabriel, no entanto, recorreu à prece, rogando o Amparo Divino, e diversos emissários do Céu se manifestaram, em nome de Deus, deliberando que a única segurança para o nascimento de Jesus se achava no estábulo, pelo que conduziram José e Maria para a casa rústica dos carneiros e dos bois...

Ebenezer, a seguir, comentou, bem-humorado:

— Não fôssem os anfitriões da estrebaria e talvez a Boa Nova tivesse seu aparecimento retardado...

E terminou, inquirindo:

— Não será isso motivo para que os animais na Terra sejam poupados ao extermínio, pelo menos no dia do Natal?

IRMÃO X



Ante o Divino Semeador

Jesus é o Sublime Semeador da Terra e a Humanidade é a Lavoura de Deus em suas Divinas Mãos.

Lembremo-nos, assim, da renúncia exigida à semente chamada à produção e que se destina ao celeiro, para que não venhamos a sucumbir em nossas tarefas.

Atirada ao ninho escuro da gleba em que deve desabrochar, sofre extremo abandono, sufocada ao peso do chão que lhe esmaga o envoltório.

Sòzinha e oprimida, desenfaiça-se das forças inferiores que a constringem, a fim de que os seus princípios germinativos consigam receber a bênção do Céu.

Contudo, mal desponta, habitualmente padece o assalto de vermes que lhe maculam o seio, quando não experimenta a avalanche de lama, por força dos temporais.

Ainda assim, obscura e modesta, a planta humilde crê instintivamente na sabedoria da Natureza

que lhe plasmou a existência e cresce para o brilho solar, vestindo-se de frondes tenras e florindo em melodias de perfume e beleza para frutificar, mais tarde, nos valiosos recursos que sustentam a vida.

A frente, pois, do Semeador Divino, não esmoreças ante os pesares da incompreensão e do isolamento, das tentações e das provas aflitivas e rudes...

Crê no Poder Divino que te criou para a imortalidade vitoriosa, e, no silêncio do trabalho incessante no bem a que foste trazido, ergue-te para a Luz Soberana, na certeza de que, através da integração com o amor puro que nos rege os destinos, chegarás, sob a generosa proteção do Celeste Pomicultor, à frutificação da verdadeira felicidade.

EMMANUEL



Carta de Natal

Meu amigo. Não te esqueças.
Pelo Natal do Senhor,
Abre as portas da bondade
Ao chamamento do amor.

Reparte os bens que puderes
Às luzes da devoção.
Veste os nus. Consola os tristes,
Na festa do coração.

Mas, não te esqueças de ti,
No banquete de Jesus:
Segue-lhe o exemplo divino
De paz, de verdade e luz.

Toma um novo compromisso
Na alegria do Natal,
Pois o esforço de si mesmo
É a senda de cada qual.

Sofres? Espera e confia.
 Não te furtas de lembrar
 Que sòmente a dor do mundo
 Nos pode regenerar.

Foste traído? Perdoa.
 Esquece o mal pelo bem.
 Deus é a Suprema Justiça.
 Não deves julgar ninguém.

Esperas bens neste mundo?
 Acalma o teu coração.
 Às vezes, ao fim da estrada,
 Há fel e desilusão.

Não tiveste recompensas?
 Guarda este ensino de cor:
 Ter dons de fazer o bem
 É a recompensa melhor.

Queres esmolas do Céu?
 Não te fartes de saber
 Que o Senhor guarda o quinhão
 Que venhas a merecer.

Desesperaste? Recorda,
 Nas sombras dos dias teus,
 Que não puseste a esperança
 Nas luzes do amor de Deus.

Natal!... Lembrança divina
 Sobre o terreno escarcéu...
 Conchega-te aos pobrezinhos
 Que são eleitos do Céu.

— Mas, ouve, irmão! vai mais longe
 Na exaltação do Senhor:
 Vê se já tens a humildade,
 A seiva eterna do amor.

CASIMIRO CUNHA



Simeão e o Menino

Dizem que Simeão, o velho Simeão, homem justo e temente a Deus, mencionado no Evangelho de Lucas, após saudar Jesus criança, no templo de Jerusalém, conservou-o nos braços acolhedores de velho, a distância de José e Maria, e dirigiu-lhe a palavra, com discreta emoção:

— Celeste Menino — perguntou o patriarca —, porque preferiste a palha humilde da Manjedoura? Já que vens representar os interesses do Eterno Senhor na Terra, como não vestiste a púrpura imperial? como não nasceste ao lado de Augusto, o divino, para defender o flagelado povo de Israel? Longe dos senhores romanos, como advogarás a causa dos humildes e dos justos? Porque não vieste ao pé daqueles que vestem a toga dos magistrados? Então, poderias ombrear com os patrícios ilustres, movimentar-te-ias entre legionários e tribunos, gladiadores e pretorianos, atendendo-nos à libertação... Porque não chegaste, como Moisés, valendo-se do prestígio da casa do faraó? Quem te preparará, Embaixador Eterno, para o ministério san-

to? que será de ti, sem lugar no Sinédrio? Samuel mobilizou a força contra os filisteus, preservando-nos a superioridade; Saul guerreou até à morte, por manter-nos a dominação; David estimava o fausto do poder; Salomão, prestigiado por casamento de significação política, viveu para administrar os bens enormes que lhe cabiam no mundo... Mas... tu? não te ligaste aos príncipes, nem aos juizes, nem aos sacerdotes... Não encontrarias outro lugar, além do estábulo singelo?!...

Jesus menino escutou-o, mostrou-lhe sublime sorriso, mas o ancião, tomado de angústia, contemplou-o, mais detidamente, e continuou:

— Onde representarás os interesses do Supremo Senhor? sentar-te-ás entre os poderosos? escreverás novos livros da sabedoria? improvisarás discursos que obscureçam os grandes oradores de Atenas e Roma? amontoarás dinheiro suficiente para redimir os que sofrem? erguerás novo templo de pedra, onde o rico e o pobre aprendam a ser filhos de Deus? ordenarás a execução da lei, decretando medidas que obriguem a transformação imediata de Israel?

Depois de longo intervalo, indagou em lágrimas:

— Dize-me, ó Divina Criança, onde representarás os interesses de nosso Supremo Pai?

O menino tenro ergueu, então, a pequenina destra e bateu, muitas vezes, naquele peito envelhecido que se inclinava já para o sepulcro...

Nesse instante, aproximou-se Maria e o reco-

Iheu nos braços maternos. Sòmente após a morte do corpo, Simeão veio a saber que o Menino Celeste não o deixara sem resposta.

O Infante Sublime, no gesto silencioso, quisera dizer que não vinha representar os interesses do Céu nas organizações respeitáveis mas efêmeras da Terra. Vinha da Casa do Pai justamente para representá-Lo no coração dos homens.

IRMÃO X



Despedida de Vital

Lua cheia... Na choça a que se apega,
Morre Vital, velhinho, olhando o morro...
Por prece, escuta a arenga do cachorro,
Ganindo nas touceiras da macega.

Pobre amigo!... Agoniza sem socorro,
Chora lembrando o milho na moega...
Oitenta anos de lágrimas carrega
Na carcaça jogada ao chão sem forro.

Suando, enxerga um moço na soleira.
— “Eu sou leproso...” — avisa em voz rasteira,
Mas diz o moço, envolto em luz dourada:

— “Vital, eu sou Jesus! Venha comigo!...”
E o velho sai das chagas de mendigo
Para um carro de estrelas da alvorada.

CORNÉLIO PIRES



A Manjedoura

As comemorações do Natal conduzem-nos o entendimento à eterna lição de humildade de Jesus, no momento preciso em que a sua mensagem de amor felicitou o coração das criaturas, fazendo-nos sentir, ainda, o sabor de atualidade dos seus divinos ensinamentos.

A Manjedoura foi o Caminho.

A exemplificação era a Verdade.

O Calvário constituía a Vida.

Sem o Caminho, o homem terrestre não atingirá os tesouros da Verdade e da Vida.

É por isso que, emaranhados no cipoal da ambição menos digna, os povos modernos, perdendo o roteiro da simplicidade cristã, desgarram-se da estrada que os conduziria à evolução definitiva, com o Evangelho do Senhor. Sem ele, que constitui o transunto de todas as ciências espirituais, perderam-se as criaturas humanas, nos desfiladeiros escabrosos da impiedade.

Debalde, invoca-se o prestígio das religiões numerosas, que se afastaram da Religião Única, que é a Verdade ou a Exemplificação com o Cristo.

Com as doutrinas da Índia, mesmo no seio de suas filosofias mais avançadas, vemos os párias miseráveis morrendo de fome, à porta suntuosa dos pagodes de ouro das castas privilegiadas.

Com o budismo e com o sintoísmo, temos o Japão e a China mergulhados num oceano de metralha e de sangue.

Com o Alcorão e com o judaísmo, temos as nefandas disputas da Palestina.

Com o catolicismo, que mais de perto deveria representar o pensamento evangélico, na civilização ocidental, vemos basílicas suntuosas e frias, onde já se extinguíram quase todas as luzes da fé. Aí dentro, com os requintes da ciência sem consciência e do raciocínio sem coração, assistimos a guerras absurdas da conquista pela força, identificamos o veneno das doutrinas extremistas e perversoras, verificamos a onda pesada de sangue fratricida, nas revoluções injustificáveis, e anotamos a revivescência das perseguições inquisitórias da Idade Média, com as mais sombrias perspectivas de destruição.

Um sopro de morte atira ao mundo atual supremo cartel de desafio.

Não obstante o progresso material, sente a alma humana que sinistros vaticínios lhe pesam sobre a fronte. É que a tempestade de amargura na dolorosa transição do momento significa que o homem se mantém muito distante da Verdade e da Vida.

As lembranças do Natal, porém, na sua sim-

plicidade, indicam à Terra o caminho da Manjedoura... Sem ele, os povos do mundo não alcançarão as fontes regeneradoras da fraternidade e da paz. Sem ele, tudo será perturbação e sofrimento nas almas, presas no turbilhão das trevas angustiosas, porque essa estrada providencial para os corações humanos é ainda o Caminho esquecido da Humildade.

EMMANUEL



Natal na Aldeia

Natal!... O trigo na azenha,
Água correndo a cantar!...
A lareira pede lenha,
Fagulhas brincam no ar.

Natal! Ah! saudade minha!...
Cantiga do coração!...
A taleiga de farinha
Amassa a estriga do pão.

Na sombra que envolve a terra,
Oiteiros acendem lume.
Do bragal que se descerra
Chegam vagas de perfume.

À janela, erguem-se vozes...
— “Pastores ternos, quem sois?!...”
Meninos voam às nozes;
Quanta alegria depois!...

Na sala que se alvoroça,
Surge um velho sem ninguém.
Diz o dono: "A casa é vossa
E a mesa é vossa também..."

Próvida e grande candeia
Faz luz sob o teto morno;
Espalha-se em toda a aldeia
O alegre cheiro de forno.

Há canções claras e puras,
Nas sebes tintas de breu:
— "Glória ao Senhor nas Alturas!...
Hosanas!... Jesus nasceu!..."

Um mocho pia de leve
No velho beiral vizinho...
Não sei se é chuva ou se é neve
Que o vento lança ao caminho!...

Meia-noite!... Dons supremos!...
Calam-se os próprios lebréus.
Roga a avòzinha: — "Louvemos!...
Pai nosso que estás nos Céus!..."

Soluços da alma contente...
Doce visão do Natal!...
Deus vos salve eternamente,
Lembranças de Portugal!

ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Encontro de Natal

Recolhes as melodias do Natal, guardando o pensamento engrinaldado pela ternura de harmoniosa canção...

Percebes que o Céu te chama a partilhar os júbilos da exaltação do Senhor nas sombras do mundo.

Entretanto, misturada ao regozijo que te acalenta a esperança, carregas a névoa sutil de recôndita angústia, como se trouxesses no peito um canteiro de rosas orvalhado de lágrimas!...

É que retratas no espelho da própria emoção o infortúnio de tantos outros companheiros que foram inútilmente convidados para a consagração da alegria. Levantaste no lar a árvore da ventura doméstica, de cujos galhos pendem os frutos do carinho perfeito; entretanto, não longe, cambaleiam seguidores de Jesus, suspirando por leve proteção que os resguarde contra o frio da noite; banque-teias-te, sob guirlandas festivas, mas, a poucos passos da própria casa, mães e crianças desprotegidas, aguardando o socorro do Cristo, enlanguescem de

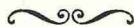
fadiga e necessidade; repetes hinos comovedores, tocados pela serena beleza que dimana dos astros; no entanto, nas vizinhanças, cooperadores humildes do Mestre choram cansados de penúria e aflição; abraças os entes queridos, desfrutando excessos de reconforto; contudo, à pequena distância, esmorecem amigos de Jesus, implorando quem lhes dê a bênção de uma prece e o consolo de uma palavra afetuosa, nas grades dos manicômios ou no leito dos hospitais...

Sim, quando refletes na glória da Manjedoura, sentes, em verdade, a presença do Cristo no coração!

Louva as doações divinas que te felicitam a existência, mas não te esqueças de que o Natal é o Céu que se reparte com a Terra, através do eterno amor que se derramou das estrelas.

Agradece o dom inefável da paz que volta, de novo, enriquecendo-te a vida, mas divide a própria felicidade, realizando, em nome do Senhor, a alegria de alguém!...

MEIMEI



O Evangelho

Entre a Manjedoura e o Calvário, guarda-se a lição eterna do Cristo. Na primeira, ergue-se a humildade, clarificando o caminho dos homens; no segundo, erguem-se a esperança e a resignação na Providência Divina.

Nesses dois capítulos, imensos pela sua expressão simbólica, encerra-se todo o monumento de filosofias do Cristianismo.

Vinte séculos decorreram.

Os primeiros mártires da fé edificaram as bases da doutrina do Crucificado sobre a face do mundo. Uma luz poderosa irradiava-se da cruz, iluminando as estradas da evolução em todo o Planeta. Todos os deuses do politeísmo romano desapareceram dentro do novo conhecimento da verdade. A poesia grega, que ainda era a fonte essencial da inspiração do mundo, teve as suas bases regeneradas pela doce lição da Divina Vítima.

Mas, a ambição de domínio sobrepõe-se ao sacrifício e ao martírio. O imperialismo romano não tardou a se manifestar, travestido nas mitras epis-

copais, e a grande lição do Calvário foi esquecida, no abismo das exterioridades religiosas. A má-fé e o embuste rodearam o Evangelho, enegrecendo-lhe as páginas, e a figura luminosa do Cristo foi adaptada por todas as filosofias, por todas as escolas e interesses particulares. O Evangelho serviu de instrumento para lutas e morticínios. Os homens, tocados de egoísmo e ambição, procuraram torcer-lhe os ensinamentos, como se estes se constituíssem de textos de leis humanas e falíveis. Raras corações entenderam o "amai-vos" da lição imorredoura do Sublime Enviado. E o resultado da grande incompreensão é presentemente vivido pela vossa época de supremas angústias.

Será, talvez, ociosa a vós outros nossa insistência no exame da civilização em curso, falha de valores espirituais. Acresce notar, porém, que o nosso esforço deve caracterizar-se pelo trabalho de encaminhar a luz divina ao vosso entendimento. O mundo, na atualidade, experimenta transições angustiosas e rudes. Para a culminância da luta deste crepúsculo de civilização, a corrida armamentista, no Planeta, custa às nações fabulosas fortunas por dia, ignorando-se, na estatística exata, os elementos despendidos na educação do povo e na assistência às massas.

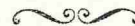
No entanto, os políticos, os falsos sacerdotes e todos os cientistas da Terra enganam-se em suas ingratas cogitações. A direção do orbe pertence a Jesus, cuja mão divina permanece no leme, apesar

da escuridão da noite e não obstante a força destruidora da procela.

Os grandes gênios da Espiritualidade Superior reúnem-se no Infinito, examinando o curso dos destinos humanos, e, enquanto lembraís, em vossa assembleia humilde, o vulto luminoso da cruz, prepara-se no ilimitado um novo dia para o conhecimento terrestre.

O Cristianismo marcou uma era diferente e os séculos futuros viverão à claridade de uma outra luz que, em breve, raiará nos horizontes da Terra, para o coração aflito e sofredor da Humanidade.

EMMANUEL



59

O Grande Doador

Ele não era médico e levantou paráliticos e restaurou leprosos, usando o divino poder do amor.

Não era advogado e elegeu-se o supremo defensor de todos os injustiçados do mundo.

Não possuía fazendas e estabeleceu novo reino na Terra.

Não improvisava festas e consolou os tristes e reergueu o bom ânimo das almas desesperadas.

Não era professor consagrado e fêz-se o Mestre da Evolução e do Aprimoramento da Humanidade.

Não era Doutor da Lei e criou a universidade sublime do bem para todos os espíritos de boa vontade.

Padecendo amarguras — reconfortou a muitos.

Tolerando aflições — semeou a fé e a coragem.

Ferido — curou as chagas morais do povo.

Supliciado — expediu a mensagem do perdão e do amor, em todas as direções.

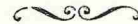
Esquecido pelos mais amados — ensinou a fraternidade e o reconhecimento.

Vencido na cruz — revelou a vitória da vida eterna, em plena e gloriosa ressurreição, renovando os destinos das nações e santificando o caminho dos povos.

Ele não era, portanto, rico e engrandeceu os celeiros dos séculos.

Quem oferecer, assim, o coração, em homenagem ao Divino Amor na Terra, poderá, desse modo, no exemplo de Jesus, embora anônimo, aflito, apago ou crucificado, atender à santificada colaboração com Deus, a benefício da Humanidade.

ANDRÉ LUIZ



Prece Diante da Manjedoura

Senhor,

Diante da Manjedoura em que nos descerras o coração, ensina-nos a abrir os braços para receber-Te.

Não nos relegues ao labirinto de nossas ilusões, nem nos abandones ao luxo de nossos problemas.

Vimos ao Teu encontro, cansados de nossa própria fatuidade.

Sol da Vida, não nos confies às trevas da morte.

Fortalece-nos o bom ânimo.

Reaviva-nos a fé.

Induze-nos à confiança e à boa vontade.

Tu que renunciaste ao Céu, em favor da Terra, ajuda-nos a descer, com o Supremo Bem, para sermos mais úteis!...

Tu que deixaste a companhia dos anjos sábios e generosos, por amor aos homens ignorantes e infelizes, auxilia-nos a estender com os irmãos mais

necessitados que nós mesmos o tesouro de luz que nos trazes!...

Defende-nos contra os vermes da vaidade.

Ampara-nos contra as serpes do orgulho.

Conduze-nos ao caminho do trabalho e da humildade.

E, reconhecidos à frente do Teu Berço de Luminosa Esperança, nós Te rogamos, sobretudo, os dons da simplicidade e da paz, para que sejamos contigo fiéis a Deus, hoje e sempre.

Assim seja.

EMMANUEL



O Natal do Apóstolo

Quando Simão Pedro foi arrancado aos grilhões do cárcere para o derradeiro sacrifício, sentia o coração varado de angústia, conquanto mostrasse o passo firme.

O velho apóstolo, que transpusera os oitenta de idade, levantava a cabeça branca, destacando-se na turba à maneira de um pai atormentado por filhos inconscientes.

Irmãos do Evangelho ladeavam-no, tristes, escondendo o próprio desespero, diante da serenidade com que ele, encanecido em duras experiências, se acomodava ao martírio.

Mulheres e crianças emaranhavam-se, cortejo a dentro, para beijar-lhe as mãos. Transeuntes, ainda mesmo adversos ao Cristianismo nascente, fitavam-no, respeitosos, qual se vissem um soberano humilhado e pobremente vestido, a caminho de inesperado triunfo... E até soldados da escolta, recordando vários companheiros que Simão transfigurara, ao curar-lhes os parentes enfermos, abeiravam-se dele com veneração e carinho...

Apenas um dos pretorianos, Sertório Aniceto, destacado elemento na expedição, não poupava o sarcasmo.

Desejando quebrar a atmosfera de reverência e de êxtase que se fazia, desdobrava improperios:

— Para diante, velho impudente! Judeu sujo! Lixo humano, que envergonharia os postes da arena!...

E mais à frente:

— Não abuse da credence do povo! Ladrão imundo, chegou seu fim!...

Pedro, entretanto, contemplava o céu escaldante da tarde e orava em silêncio...

Sentia-se, agora, fatigado e incapaz! Compreendia que a Boa Nova exigia servidores robustos e rogava ao Cristo enviasse obreiros novos e valorosos para a vinha do mundo... Mas não era só isso... No imo do coração, ardia-lhe a saudade do Mestre e ansiava retomar-lhe a companhia para sempre...

Escalando a colina, via não longe o Campo de Marte, assinalado pelo monumento de Augusto, as cintilações do Tibre espreguiçando ao sol, o casario imenso, as termas e os jardins; no entanto, regressava pela imaginação à Galileia distante, buscando Jesus em pensamento...

Revia o lago de Genesaré, em seus dias mais belos, e as multidões simples e generosas com que o Senhor repartia o pão e a verdade, o consolo e a esperança...

Por estranhos mecanismos da memória, respirava, de novo, o perfume das rosas de Betsaida, das romãzeiras de Dalmanuta, das quintas frutescentes de Magdala e dos pequenos vinhedos de Cafarnaum...

Apesar do calor reinante, rememorava a pesca e supunha-se envolvido pelo sopro da brisa, quando a barca sobreestava as ondas calmas.

Reconstituía, enlevado, as pregações do Divino Amigo e parecia-lhe jornada de retorno à família das crianças e dos enfermos, das mães sofredoras e dos velinhos que ele próprio lhe entregara ao coração...

Atingido o local do suplício, confiou-se automaticamente aos soldados que o desnudaram, e, como se estivesse hipnotizado pela ideia do reencontro, sófregamente aguardado, quase nada percebeu dos martelos, rudemente manobrados, que lhe apresavam pés e mãos ao lenho que se lhe erguera de improviso...

Em derredor, escutava os protestos velados das centenas de espectadores da lamentável exibição, de mistura com as preces dos companheiros agoniados... Detido, porém, na ânsia de repouso, Pedro não via que o tempo se escoava, sem que lhe desfechassem qualquer golpe...

Aqui e além, grupos em orações e lágrimas salientavam-se de mãos postas; contudo, a morte tardava... Aniceto, entretanto, não o perdia de vista,

e, reparando que o crepúsculo baixava, atirou-lhe pontiagudo calhau à cabeça e gritou:

— Morre, bruxo!

O apóstolo observou que o sangue esguichava, mas, sem qualquer reação, rendeu-se a invencível torpor, qual se fôsse repentinamente anestesiado por brando sono.

Semelhante impressão, contudo, perdurou por momentos. O ancião, após desalgemar-se do corpo, identificou-se espiritualmente, livre e eufórico, ao pé dos próprios despojos, e, alheio à algazarra em torno, contemplou o firmamento, onde os astros se inflamavam, como se dedos invisíveis acendessem lumes deslumbrantes para uma festa no céu... Espantado, observou que um homem descia do alto, como que materializado pela fulguração das estrelas, e, decorridos alguns instantes de assombro, viu Jesus a dois passos, a endereçar-lhe o inolvidável sorriso.

— Mestre! — clamou, inclinando-se para beijar o chão que ele pisava. O Messias redivivo tomou-o nos braços e partiu, conchegando-o ao coração, qual se transportasse frágil criança.

Por várias semanas restaurou-se Pedro na estância de luz que o Cristo lhe reservara.

Junto dele, visitou paragens de inexprimível beleza, recolheu lições preciosas, presenciou espetáculos soberbos da grandeza cósmica e abraçou afeições inesquecíveis...

Quando mais integrado se reconhecia no Plano

Superior, eis que o Celeste Companheiro lhe anuncia nova separação. Que o discípulo descansasse quanto quisesse, elevando-se às excelsas regiões... Ele, porém, devia ausentar-se...

— Senhor, aonde vais? — indagou o apóstolo, penosamente surpreendido.

E Jesus, indicando-lhe escuro recanto da vastidão, em que se adivinhava a residência planetária dos homens, informou, sereno:

— Pedro, enquanto houver um gemido na Terra, não me será lícito repousar...

— Então, Senhor, eu também...

E, como outrora, demandaram, juntos, os quadros de ação, em que se lhes evidenciasse o amor sublime...

.....
Atraídos por centenas de vozes, atravessaram Roma, parando, por fim, em espaçoso cemitério da Via Ápia, mergulhado na sombra noturna...

A multidão cantava, glorificando o Senhor...

Não obstante o Natal estivesse na lembrança de poucos, lembrava-se, ali, diante da imensidão constelada, a melodia dos mensageiros angélicos.

Simão, fremindo de emotividade, começou a chorar de alegria. Anelava ser bom, aspirava a ser irmão da Humanidade, queria auxiliar a construção do Reino de Deus e homenagear a manjedoura de Belém, ofertando algo de si mesmo, em louvor do Evangelho...

Nesse interim, aproximou-se Jesus e disse-lhe ao ouvido:

— Pedro, alguém te chama...

O apóstolo voltou-se e, admirado, enxergou na pequena comunidade um homem triste, carregando nos braços um pequenino agonizante... Era Aniceto, a rogar-lhe, mentalmente, se lhe compadecesse do filhinho que a febre devorava. Qual se lhe registasse a presença, expunha-lhe os remorsos que amargava e pedia-lhe perdão...

O antigo pescador não hesitou. Depois de oscular-lhe a fronte suarenta, afagou a criança atribulada, impondo-lhe as mãos, e, ali mesmo, magnéticamente tocado por forças renovadoras e intangíveis, o menino despertou, lícido e refeito, enlaçando-se ao pai, à feição da ave assustada que torna à segurança do ninho.

Aniceto, no íntimo, compreendeu o socorro e a bênção que recebia e, renovado, começou a cantar em lágrimas de júbilo: "Glória a Deus nas alturas, paz na Terra e boa vontade para com os homens!..."

Para o rude legionário de César começava nova vida e para Simão Pedro o serviço continuou...

IRMAO X



62

Gestos Simples

Não te proclames inútil
Porque te falte vintém.
O amor espontâneo e puro
É a fonte de todo o bem.

Se o desejo de ajudar
É a força com que te afinas,
Resguarda-te na humildade,
Olha as coisas pequeninas.

Toda delonga no auxílio
É como luz que se atrasa;
Na exaltação do melhor,
Começa da própria casa.

À queixa dos entes caros,
Traze a bênção da esperança:
Suporta com paciência
O choro de uma criança.

Se um parente vive errado,
Dá-lhe à vida, estranha e louca,
A prece no sentimento
E a caridade na boca.

Lava o prato que te serve,
Compõe a roupa da mesa,
Toma a vassoura e protege
A formação da limpeza.

Na indiferença da rua,
Por mais pressa em teu caminho,
Estende o braço ao enfermo
Que segue triste e sozinho.

Atravessando a calçada,
Coopera em favor do asseio
E desloca todo entrave
Que perturbe o passo alheio.

Estira a semente amiga
No extenso lençol do chão,
Envolvendo a própria estrada
Em vida, perfume e pão.

Articula, onde estiveres,
Verbo doce e cristalino.
Duas frases de bondade
Elevam qualquer destino.

Não olvides que Jesus,
O Mestre da Redenção,
Trouxe a luz do Céu à Terra
No ouro do coração.

CASIMIRO CUNHA



Evangelho e Alegria

Grande injustiça comete quem afirma encontrar no Evangelho a religião da tristeza e da amargura.

Indubitavelmente, o sacerdócio muita vez impregnou o horizonte cristão de nuvens sombrias, com certas etiquetas do culto exterior, mas o Cristianismo, em sua essência, é a revelação da profunda alegria do Céu entre as sombras da Terra.

A vinda do Mestre é precedida pela visitação dos anjos.

Maria, jubilosa, conversa com um mensageiro divino que a esclarece sobre a chegada do Embaixador Celestial.

Nasce Jesus na manjedoura humilde, que se deslumbra ao clarão de inesperada estrela.

Tratadores rústicos são chamados por um emissário espiritual, repentinamente materializado à frente deles, declarando-se portador de "notícias de grande alegria" para todo o povo. No mesmo instante, vozes cristalinas entoam cânticos na Al-

tura, glorificando o Criador e exaltando a paz e a boa vontade entre os homens.

Começam a reinar o contentamento e a esperança...

Mais tarde, o Mestre inicia o seu apostolado numa festa nupcial, assinalando os júbilos da família.

Como que percebendo limitação e estreiteza em qualquer templo de pedra para a sua palavra no mundo, o Senhor principia as suas pregações à beira do lago, em pleno santuário da natureza. Flores e pássaros, luz e perfume representam a moldura de sua doutrinação.

Multidões ouvem-lhe a voz balsamizante.

Doentes e aleijados tocam-se de infinitas consolagens.

Pobres e aflitos entrevêm novos horizontes no futuro.

Mulheres e crianças acompanham-no, alegremente.

O Sermão da Montanha é o hino das bem-aventuranças, suprimindo a aflicção e o desespero.

Por onde passa o Divino Amigo, estabelece-se o contentamento contagiante.

Em pleno campo, multiplica-se o pão destinado aos famintos.

O tratamento dispensado pelo Mestre aos sofredores, considerados inúteis ou desprezíveis, cria novos padrões de confiança no mundo.

Desdobra-se o apostolado da Boa Nova, no clima da alegria perfeita.

Cada criatura que regista as notas consoladoras do Evangelho começa a contemplar o mundo e a vida, através de prisma diferente.

Surge-lhe a Terra por bendita escola de preparação espiritual, com serviço santificante para todos.

Cada enfermo que se refaz para a saúde é veículo de bom ânimo para a comunidade inteira.

Cada sofredor que se reconforta constitui edificação moral para a turba imensa.

Madalena, que se engrandece no amor, é a beleza que renasce eterna, e Lázaro, que se ergue do sepulcro, é a vida triunfante que ressurge imortal.

E, ainda, do suor sangrento das lágrimas da cruz, o Senhor faz que flua o manancial da vida vitoriosa para o mundo inteiro, com o sol da ressurreição a irradiar-se para a Humanidade, sustentando-lhe o crescimento espiritual na direção dos séculos sem fim.

EMMANUEL

O Réu da Cruz

Em meio às perseguições
Da noite fria e sem luz,
Meus amigos do Evangelho,
Lembraí-vos do Réu da Cruz.

Sem que alguém lhe concedesse
O canto amigo de um lar,
Nasceu numa estrebaria
Por servir e por amar.

Desde a infância humilde e pobre
Na casa de Nazaré,
Trabalhava todo o dia
Entre os formões de José.

Ele, o Príncipe da Luz,
Caminho, Vida e Verdade,
Fêz-se escravo pequenino
No serviço à Humanidade.

Foi Messias generoso
Da bondade e do perdão,
Trazendo ao mundo oprimido
A grande renovação.

Serviu aos ricos e aos pobres,
Ao feliz, ao sofredor,
Devotou-se a toda a gente
Em sua missão de amor.

Revelou a paz do reino
Da verdade e da Bonança,
Fêz brilhar na Terra escura
Novo lume de esperança.

À cegueira dos caminhos
Trouxe a luz pura e imortal,
Pelo Evangelho da Vida
Curou a lepra do mal.

Expulsou a treva espessa,
Viveu a bondade imensa,
Trouxe a bênção da fé viva,
Trabalhou sem recompensa.

Mas, em troca dos tesouros
De sua abnegação,
Recebeu pedras e espinhos
De dor e incompreensão.

Foi traído e processado,
Encarcerado e ferido,
Ele, o Mestre da Verdade,
Foi o grande escarnecido.

Se também sois humilhados,
Lembraí-vos d'Aquele Réu,
Que foi à cruz pelo crime
De abrir a visão do Céu.

CASIMIRO CUNHA



Oração do Natal

Rei Divino, na palha singela, porque te fizeste criança, diante dos homens, quando podias ofuscá-los com a grandeza do Teu Reino?

Soberano da Eternidade, porque estendeste braços pequerruchos e tenros aos pastores humildes, mendigando-lhes proteção, quando o próprio firmamento te saudava com uma estrela sublime, emoldurada de melodias celestes?

Certamente, vinhas ao encontro de nosso coração, para libertá-lo.

Procuravas o asilo de nossa alma, para convertê-la em harpa nas Tuas mãos.

Preferias esmolar segurança e carinho, para que, em te amando, de algum modo, na manjedoura esquecida, aprendêssemos a amar-nos uns aos outros.

Tornavas-Te pequenino para que a sombra do orgulho se desfizesse, em torno de nossos passos, e pedias compaixão, porque não nos buscavas por adornos do Teu carro de triunfo, como vassalos de Tua glória, mas, sim, por amigos espontâneos de Tua causa e por tutelados de Tua bênção...

E modificaste, assim, o destino das nações. Colocaste o trabalho digno, onde a escravidão gerava a miséria, acendeste a claridade do perdão, onde a noite do ódio assegurava o império do crime, e ensinaste-nos a servir e a morrer, para que a vida se tornasse mais bela...

É por isso que, ajoelhados em espírito, recordando-Te o berço pobre, ofertamos-Te o coração...

Arranca-o, Senhor, da grade do nosso peito, enferrujado de egoísmo, e faze-o chorar de alegria, no deslumbramento de Tua luz!... Conduze-nos, ainda, aos tesouros da humildade, para que o poder sem amor não nos enlouqueça a inteligência, e deixamos entoar o cântico dos pastores, quando repetiam, em pranto jubiloso, a mensagem dos anjos:

— Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa vontade para com os homens!...

MEIMEI



Jesus

Com o nascimento de Jesus, há como que uma comunhão direta do Céu com a Terra. Estranhas e admiráveis revelações perfumam as almas e o Enviado oferece aos seres humanos toda a grandeza do seu amor, da sua sabedoria e da sua misericórdia.

Aos corações abre-se nova torrente de esperanças e a Humanidade, na Manjedoura, no Tabor e no Calvário, sente as manifestações da vida celeste, sublime em sua gloriosa espiritualidade.

Com o tesouro dos seus exemplos e das suas palavras, deixa o Mestre entre os homens a sua Boa-Nova. O Evangelho do Cristo é o transunto de todas as filosofias que procuram aprimorar o espírito, norteando-lhe a vida e as aspirações.

Jesus foi a manifestação do amor de Deus, a personificação de sua bondade infinita.

EMMANUEL

Oração Ante a Manjedoura

Senhor: quando iniciaste o Divino Apostolado, na Manjedoura singela, preocupava-se o Império Romano por um mundo só, em que se garantisse a paz pela centralização administrativa. Augusto, o glorioso imperador, ostentava a coroa do supremo poder humano, cercado de legisladores e filósofos que pugnavam pela unidade política da Terra...

No entanto, Senhor, sabias que, além da superfície brilhante das palavras, formavam-se legiões consagradas ao aniquilamento e à morte.

Enquanto se erguiam as vozes do Senado, proclamando o direito, a concórdia e a dignidade humana, a Espanha pagava dolorosos tributos de sangue à pacificação; a Germânia experimentava a miséria; a Grécia conhecia incêndios e devastações da conquista; a Panônia chorava os lares destruídos; a Arábia tremia sob o terror; a Armênia pranteava os seus filhos; a África dobrava-se sob atrozes humilhações.

Em Roma, os poetas teciam madrigais à be-

leza e os literatos homenageavam a justiça, mas, nas margens do Danúbio e do Reno, soluçavam crianças e mães desamparadas.

Sabemos, hoje, que a atmosfera de júbilo, reinante no mundo de então, representava fruto de tua presença santificante, e reconhecemos que os homens se embriagavam de alegria por fora, continuando, porém, por dentro, os mesmos enigmas de luz e treva, ignorância e conhecimento, impulsividade e razão. Sabias, por tua vez, que eles glorificavam o respeito à dignidade pessoal e matavam-se, uns aos outros, nos circos, sob o aplauso quente da multidão; reverenciavam os deuses nos templos de pedra e partiam, em seguida, integrando expedições dedicadas à rapinagem; declaravam-se livres perante a lei e escravizavam-se, cada vez mais, ao império do egoísmo e da morte.

Não consideras, Senhor, que o quadro atual continua quase o mesmo?

Desde a Renascença, ouvimos lições de concórdia mundial, ensinamentos alusivos à liberdade, cânticos religiosos exaltando a fraternidade, discursos filosóficos definindo conceitos de solidariedade humana, argumentos científicos em favor da renovação social para um mundo só, onde a existência seja digna de ser vivida, mais elevada, mais feliz.

Todavia, enquanto os peritos diplomáticos se reúnem, solenes, mobilizando rotativas e microfones, o espírito de hegemonia domina os povos e o ódio calcina os corações.

Entoam-se hosanas à paz nos templos calmos e prepara-se a guerra nas fábricas febris. A discórdia doméstica e coletiva nunca foi tão complexa, agora que a Sociologia é mais pródiga em conceituação de harmonia.

Os homens, não contentes com o poder de matar pelo canhão e pela metralhadora, pelo gás e pela fome, descobriram a desintegração atômica, a fim de que não somente os irmãos na espécie sejam exterminados, mas também os animais e as árvores, os ninhos e os vermes, os elementos vitalizantes do ar, da água e do solo... E invocam-te a presença, antes da batalha, abençoam armas em teu nome, declaram-se teus protegidos, acionando maquinarias de arrasamento.

Relacionando, porém, estas verdades não desconhecemos que o teu amor infinito prossegue vigilante e que, se nenhum serviço do bem permanece despercebido diante de tua misericórdia, nenhuma interferência do mal se perpetua sem a corrigenda de tua justiça! Acompanhas teu rebanho com a mesma esperança do primeiro dia, e, quando as ovelhas tresmalhadas se precipitam no despenhadeiro, ainda é a tua bondade que intervém, carinhosa, salvando-as da queda fatal. Teu devotamento cresce com as nossas transgressões, e se permites que a ventania do sofrimento nos fustigue o rosto, que os golpes da guerra nos abalem as entranhas do ser, é que, Artista Divino, concedes poder ao martelo da dor, a fim de que, vibrando sobre nós, des-

faça a crosta de endurecimento que nos deforma a vida, entregando-nos a temporário infortúnio estabelecido por nós mesmos, como se fôramos pedras valiosas, confiadas ao zelo de um lapidário prudente e benigno!...

È por este motivo, Mestre, que, inclinados sobre a recordação de teu Natal, agradecemos a luta benfeitora que nos deste, a experiência que nos permitiste, as bênçãos que renovas sobre a nossa frente todos os dias!

Pastor benevolente e sábio, revela-nos o aprisco do bem! Conheces os caminhos que ignoramos; acendes a tocha da verdade quando as trevas da mentira se espalham em torno; sabes onde se ocultam as armadilhas perigosas das margens; identificas de longe a presença da tempestade; tens o verbo que desperta o estímulo sadio; ensinas onde se localizam os raios do farol que conduz e as chamas do incêndio que destrói; curas nossas chagas sem panaceias de fantasia; repreendes amando; esclareces sem ferir; não desprezas as ovelhas quebrantadas, nem abandonas as que ouviram o convite sedutor dos lobos escondidos na sombra!...

Sê abençoado, Senhor, nos séculos dos séculos, pela eternidade de teu amor, pela grandeza de teu trabalho, pela serenidade de tua sublime esperança.

E permite que nós, prosternados em espírito, ante a lembrança de tua manjedoura desprotegida, possamos regressar às bases simples e humildes da vida, continuando nosso trabalho redentor, após re-

petir com o velho Simeão, encanecido nas inquietantes experiências do mundo:

— “Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra, pois já os nossos olhos viram a salvação”.

IRMAO X



Leproso Ante a Manjedoura

Rei nascido na extrema singeleza,
Anjo sublime, compassivo e santo,
Que, por amor, despiste régio manto
E vestiste a estamemha da pobreza.

O leproso feliz regressa em pranto
E agradece-te o lodo da tristeza
Da noite em que chorou de alma indefesa,
Torturado por lágrimas de espanto!...

Para mostrar-te, ó Mestre! assim divino,
Dadivoso e Celeste Peregrino,
Nos sorrisos de luz da Manjedoura,

Deixa que eu volte à tenebrosa estrada,
Ostentando na fronte macerada
A coroa da lepra redentora.

JESUS GONÇALVES

A Vinda de Jesus

A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes.

Começava a era definitiva da maioridade espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.

Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizaram o grande acontecimento, ironizando os altos fenômenos mediúnicos que o precederam. As figuras de Simeão, Ana, Isabel, João Batista, José, bem como a personalidade sublimada de Maria, têm sido muitas vezes objeto de observações injustas e maliciosas; mas a realidade é que somente com o concurso daqueles mensageiros da Boa-Nova, portadores da contribuição de fervor, crença e vida, poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalável.

Muitos séculos depois da sua exemplificação incompreendida, há quem o veja entre os essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu mes-

sianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.

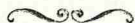
O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio.

Do seu divino apostolado nada nos compete dizer em acréscimo das tradições que a cultura evangélica apresentou em todos os séculos posteriores à sua vinda à Terra, reafirmando, todavia, que a sua lição de amor e de humildade foi única em todos os tempos da Humanidade.

Dele asseveraram os profetas de Israel, muito antes da manjedoura e do Calvário: — “Levantar-se-á como um arbusto verde, vivendo na ingratição de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. E que Ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores. Presumireis na sua figura um homem vergando ao peso da cólera de Deus, mas serão os

nossos pecados que o cobrirão de chagas sanguinolentas e as suas feridas hão-de ser a nossa redenção. Somos um imenso rebanho desgarrado, mas, para nos reunir no caminho de Deus, Ele sofrerá o peso das nossas iniquidades. Humilhado e ferido, não soltará o mais leve queixume, deixando-se conduzir como um cordeiro ao sacrifício. O seu túmulo passará como o de um malvado e a sua morte como a de um ímpio. Mas, desde o momento em que oferecer a sua vida, verá nascer uma posteridade e os interesses de Deus hão-de prosperar nas suas mãos."

EMMANUEL



70

Divina Surpresa

Alma fraterna e boa,
Se o impulso da prece te abençoa,
Quando queiras orar,
Buscando segurança no Senhor,
Faze em qualquer lugar
O teu louvor ou a tua petição!...

A Terra inteira é um templo
Aberto à inspiração
Que verte das Alturas,
Mas, se quiseses encontrar
O Mestre que procuras,
Atende, alma querida!...
Desce ao vale de lágrimas da vida,

À imensa retaguarda
Onde o consolo tarda...
Ouve a dor da penúria e o pranto da viuvez,
Volve à sombra das margens do caminho

E estende o braço forte
Aos que vagam sem norte,
Na saudade do lar que se desfez!...

Escuta os que se vão
À noite, ao frio e ao vento,
Sem poderem contar o próprio sofrimento,
Famintos de carinho e compreensão...

Pára e abraça a criança
Que o desprezo consome
E a doença extermina,
Pára e ausenta a nudez, a febre e a fome
Dessa flor pequenina!

Ouve o choro do enfermo que não tem
Senão pó, lama e lágrimas por leito
E, à guisa de aposento, um canto estreito
Na terra de ninguém.

Atentamente, anota em torno os brados
De quem conhece a mágoa no apogeu,
Os tristes corações despedaçados
Que a calúnia venceu...

Vai onde exista aflição,
Oferecendo a cada sofredor
Uma bênção de amor,
E, aí, surpreenderás um divino clarão
Que, dólido, irradia

Paz, bondade, alegria...
Em meio dessa luz,
Escutarás Jesus,
Enternecidamente,
A dizer-te no fundo da alma crente:

— Alma querida, vem!...
Ouço-te a voz na prece, em qualquer parte,
Devo, entanto, esperar-te
Na seara do bem.
Chamaste-me, decerto,
Para saber que Deus ama e compreende em ti!...
Buscavas-me tão longe e aguardo-te tão perto...
Alma boa, eis-me aqui!...

MARIA DOLORES



71

Natal do Coração

Abençoadas sejam as mãos que, em memória de Jesus, espalham no Natal a prata e o ouro, diminuindo a miséria e a necessidade, a fome e a nudez!...

Entretanto, se não forem iluminadas pelo amor que ajuda sempre, esses flagelos voltarão amanhã, como a erva daninha que espreita a ausência do lavrador.

Não retenhas, assim, a riqueza do coração que podes dar, tanto quanto o maior potentado da Terra!

Deixa que a manjedoura de tua alma se abra, feliz, ao Soberano Celeste, para que a luz te banhe a vida.

Com Ele, estenderás o coração onde estiveres, seja para trocar um pensamento compassivo com a palavra escura e áspera ou para adubar uma semente de esperança, onde a aflição mantém o deserto! Com Ele, inflamarás de júbilo os olhos de algum menino triste e desamparado e uma simples

criança, arrebatada hoje ao vendaval, pode amanhã ser o consolo da multidão... Com Ele, podes oferecer a bênção da tolerância aos que trabalham contigo, transformando o altar de teu coração em altar de Deus!...

Que tesouro terrestre pagará o gesto de compreensão no caminho empedrado, o sorriso luminoso da bondade no espinheiro da sombra e a oração do carinho e do entendimento no instante da morte?

Natal no mundo é a epopeia do reconhecimento ao Senhor.

Natal no espírito é a comunhão com Ele próprio.

Ainda que te encontres em plena solidão na manjedoura do infortúnio, sai de ti mesmo e reparte com alguém o dom inefável de tua fé.

Lembra-te de que Ele, em brilhando na manjedoura, tinha consigo apenas o amor a desfazer-se em humildade, e, em agonizando na cruz, possuía apenas o coração, a desfazer-se em renúncia...

Mas, usando tão-sòmente o coração e o amor, sem uma pedra onde repousar a cabeça, converteu-se no Salvador do Mundo, e, embora coroado de espinhos, fêz-se o Rei das Nações para sempre.

MEIMEI



Na Glória do Cristo

Se entre as vidas magnificentes da Terra uma existe, na qual a mediunidade comparece com todas as características, essa foi a vida gloriosa do Cristo.

Surge o Evangelho do contacto entre dois mundos.

Zacarias, o sacerdote, faz-se clarividente de um instante para outro e vê um mensageiro espiritual que se identifica pelo nome de Gabriel, anunciando-lhe o nascimento de João Batista.

O mesmo Gabriel, na condição de embaixador celestial, visita Maria de Nazaré e saúda-lhe o coração lirial, notificando-lhe a maternidade sublime.

Nasce, então, Jesus sob luzes e vozes dos Espíritos Superiores.

Usando o magnetismo divino que lhe é próprio, o Excelso Benfeitor transforma a água em vinho, nas bodas de Caná.

Intervém nos fenômenos obsessivos de variada espécie, nos quais as entidades inferiores provocam desajustes diversos, seja na alienação mental do obsidiado de Gadara ou na exaltação febril da sogra de Pedro.

Levanta corpos cadaverizados e regenera as forças vitais dos enfermos de todas as procedências.

Apazigua elementos desordenados da Natureza e multiplica alimentos para as necessidades do povo.

Sonda os ideais mais íntimos da filha de Magdala, quanto lê na samaritana os pensamentos ocultos.

Conversa, Ele mesmo, com desencarnados ilustres, no cimo do Tabor, ante os discípulos espantados.

Avisa a Pedro que Espíritos infelizes procurarão induzi-lo à queda moral, e faz sentir a Judas que não desconhece a trama de sombras de que o apóstolo desditoso está sendo vítima.

Ora no horto, antes da crucificação, assinalando a presença de enviados divinos.

E, depois da morte, volta a confabular com os amigos, fornecendo-lhes instruções quanto ao destino da Boa Nova.

Reaparece, plenamente materializado, diante dos aprendizes, no caminho de Emaús, e, mais tarde, em Espírito, procura Saulo de Tarso, nas vizinhanças de Damasco, para confiar-lhe elevada missão entre os homens.

E porque o jovem perseguidor do Evangelho nascente se mostre traumatizado, ante o encontro imprevisto, busca Ele próprio a cooperação de Ananias para socorrer o novo companheiro dominado de assombro.

É inútil, assim, que cristãos distintos, nesse ou

naquele setor da fé, se reúnam para confundir res-
peitosamente a mediunidade em nome da metapsí-
quica ou da parapsicologia — que mais se asseme-
lham a requintados processos de dúvida e nega-
ção —, porque ninguém consegue empanar os fatos
mediúnicos da vida de Jesus, que, diante de todas
as religiões da Terra, permanece por Sol indiscuti-
vel, a brilhar para sempre.

EMMANUEL



Versos do Natal

Enquanto a glória do Natal se expande
Na alegria que explode e tumultua,
Lembra o Divino Amigo, além, na rua...
E repara a miséria escura e grande.

Aqui, reina o Palácio do Capricho
Que a louvores e júbilos se entrega,
Onde a prece ao Senhor é surda e cega
E onde o pão apodrece sobre o lixo.

Ali, ergue-se a Casa da Ventura,
Que guarda a fé por fúlgido tesouro,
Onde a imagem do Cristo, em prata e ouro,
Dorme trancada em cárceres de usura.

Além, é o Ninho da Felicidade
Que recorda Belém, cantando à mesa,
Mas, de portas cerradas à tristeza
Dos que choram de dor e de saudade.

Mais além, clamam sinos com voz pura:
— “Jesus nasceu!” — É o Templo dos Felizes
Que não se voltam para as cicatrizes...
Dos que gemem nas chagas de amargura...

Adiante, o Presépio erguido em trono
Louva o Rei Pequenino e Solitário,
Olvidando os herdeiros do Calvário
Sobre as cinzas dos catres de abandono.

De quando em quando, o Mestre, em companhia
Daqueles que padecem sede e fome,
Bate ao portal que lhe relembra o nome,
Mas em resposta encontra a noite fria.

E quem contemple a Terra que se ufana,
Ante o doce esplendor do Eterno Amigo,
Divisará, de novo, o quadro antigo:
— Cristo esmolando asilo na alma humana.

Natal!... O mundo é todo um lar festivo!...
Claros guisos no ar vibram em bando...
E Jesus continua procurando.
A humilde manjedoura do amor vivo.

Natal! Eis a Divina Redenção!...
Regozija-te e canta, renovado,
Mas não negues ao Mestre desprezado
A estalagem do próprio coração.

CARMEN CINIRA

Recordação do Natal

Não permitas que o júbilo do Natal vibre em teu coração, à maneira de uma lâmpada encarcerada...

Toma o facho de luz, que a mensagem do Céu acende ao redor de teus passos e estende-lhe a clareza sublime.

Não te detenhas.

Avança, com alegria e humildade.

Se a fé resplandece em teu santuário interior, que importam a ventania e o temporal?

O sol, cada manhã, penetra os recôncavos do abismo, sem contaminar-se.

Segue, invencível em tua esperança e sereno em tua coragem, sob a inspiração da fraternidade e da paz!...

Sê um raio estelar da sabedoria, para a noite da ignorância; sê a gota de orvalho da consolação e do carinho, que diminua a tensão do sofrimento, por onde passes; sê o fio imperceptível da compreensão e do auxílio, que dissipe o nevoeiro da discórdia; sê a frase simples e boa, que ajude e re-

conforte, onde o fogo do mal esteja crestando as flores do bem...

Um sorriso realiza milagres.

Um gesto amigo ampara a multidão.

Com algumas palavras, o Cristo articulou o roteiro regenerativo do mundo e, com a bênção da própria renúncia, retificou os caminhos da Humanidade.

Renovam-se, no Natal, as vibrações da Estrela do Amor, que exaltou, com Jesus, a glorificação a Deus e ao reino da boa vontade, entre os homens.

Jamais ensurdeçamos, ante o apelo celestial que se repete.

Ampliemos a comunhão fraterna e louvemos a cooperação, porque, anualmente, o Cristo nos requisita à verdadeira solidariedade, a fim de que, em nos tornando mais irmãos uns dos outros, possa Ele nascer, em espírito, na manjedoura do nosso coração, transformando em incessante e divino Natal todos os dias da nossa vida.

EMMANUEL



Louvor do Natal

Senhor Jesus!

Quando vieste ao mundo, numerosos conquistadores haviam passado, cimentando reinos de pedra com sangue e lágrimas.

Na retaguarda dos carros de ouro e púrpura em que lhes fulgia a vitória, alastravam-se, como rastros da morte, a degradação e a pilhagem, a maldição do solo envilecido e o choro das vítimas indefesas.

Levantavam-se, poderosos, em palácios fortificados e faziam leis de barão e cutelo, para serem, logo após, esquecidos no rol dos carrascos da Humanidade.

Entretanto, Senhor, nasceste nas palhas e permaneceste lembrado para sempre.

Ninguém sabe até hoje quais tenham sido os tratadores de animais que te ofertaram esburacada manta, por leito simples, e ignora-se quem foi o benfeitor que te arrancou ao desconforto da estrebaria para o clima do lar.

Cresceste sem nada pedir que não fôsse o culto à verdadeira fraternidade.

Escolheste vilarejos anônimos para a moldura de tua palavra sublime... Buscaste para companheiros de tua obra homens rudes, cujas mãos calejadas não lhes favoreciam os voos do pensamento. E conversaste com a multidão, sem propaganda condicionada.

No entanto, ninguém conhece o nome das crianças que te pousaram nos joelhos amigos, nem das mães fatigadas a quem te dirigiste na via pública!

A História, que homenageava Júlio César, discutia Horácio, enaltecia Tibério, comentava Virgílio e admirava Mecenas, não te quis conhecer em pessoa, ao lado de tua revelação, mas o povo te guardou a presença divina e as personagens de tua epopeia chama-se "o cego Bartimeu", "o homem de mão mirrada", "o servo do centurião", "o mancebo rico", "a mulher cananea", "o gago de Decápolis", "a sogra de Pedro", "Lázaro, o irmão de Marta e Maria"...

Ainda assim, Senhor, sem finanças e sem cobertura política, sem assessores e sem armas, venceste os séculos e estás diante de nós, tão vivo hoje quanto ontem, chamando-nos o espírito ao amor e à humildade que exemplificaste, para que surjam, na Terra, sem dissensão e sem violência, o trabalho e a riqueza, a tranquilidade e a alegria, como bênção de todos.

É por isso que, emocionados, recordando-te a manjedoura, repetimos em prece:

— Salve, Cristo! os que aspiram a conquistar desde agora, em si mesmos, a luz de teu reino e a força de tua paz, te glorificam e te saúdam!...

EMMANUEL



Jesus e os Homens

... E o comentarista do Natal rematou a formosa alocução, com esse apontamento significativo:

— Pois é, meus amigos!... Entre os homens e Jesus existem correlações que não será lícito olvidar...

E prosseguiu, sereno:

— Quando se mostram ainda ignorantes de qualquer ensinamento dele, é evidente que a animalidade primitivista lhes prepondera na formação...

— Quando dizem que a história do Senhor é simples balela, conquanto lhe conheçam os fundamentos, desejam tão-só rechaçá-lo de suas existências, a fim de que não se vejam incomodados na viciação a que se afeiçoam...

— Quando afirmam que a intimidade do Eterno Benfeitor é privilégio da organização religiosa a que pertençam, querem segregá-lo no círculo de seus caprichos estreitos...

— Quando perdem a veneração pelo Arauto das Verdades Eternas, é porque fogem de conservar o

respeito a si mesmos, nos compromissos que assumem...

— Quando asseveram que o Cristo é uma criatura vulgar, à feição de qualquer outra que haja passado pelo crivo da Terra, pretendem apresentar a si próprios na suposta condição de pessoas iguais ao Cristo...

— Quando propalam que o Senhor está supe-rado, em suas instruções para a vida espiritual, é que aspiram a inclinar os corações que os ouvem a partilhar-lhes a irresponsabilidade ou a rebeldia...

— Quando se queixam de que o Divino Mestre não lhes atende as petições, é que anseiam quebrar as leis que nos regem, na estulta presunção de se imporem a ele...

— Quando sabem quem é Jesus e lhe negam autoridade para comandar-lhes a vida, são menores de espírito, transitòriamente acomodados no distrito dos preconceitos...

Ante a pausa que se fêz natural, abeirou-se um companheiro e inquiriu:

— Caro mentor, podemos conhecer os homens que estejam em caminho certo?

O venerando amigo replicou, sem pestanejar:

— Recordemos as palavras do próprio Mensageiro Angélico, ao dizer-nos, imperturbável: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me..." Os que transitam na estrada real da redenção revelam-se por seme-

lhante atitude, sem embargo da seita a que pertenciam...

Observando que a comemoração natalina estava prestes a terminar, foi, então, a minha vez de consultar o admirável expositor de doutrina, sobre quem desfechei a derradeira pergunta:

— Professor, como saber, do ponto de vista espiritual, qual é a posição de cada inteligência humana, diante do Enviado de Deus?

O interpelado fixou em mim os olhos sublimes, que pareciam traspassados de raios estelares, e pronunciou a última resposta, que transmito aos que porventura me leiam, à guisa de meditação para o Natal:

— Meu amigo, pergunte a cada homem e a cada mulher do seu caminho o que pensam do Cristo de Deus, e, pelas afirmações pessoais que lhe derem, você reconhecerá, de pronto, em que situação íntima se encontra cada um deles, porquanto a nossa opinião individual sobre Nosso Senhor Jesus-Cristo denota imediatamente a posição em que nos achamos, no território infinito da Vida Eterna.

IRMAO X

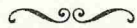


Algo Mais no Natal

Senhor Jesus!
 Diante do Natal, que te
 lembra a glória
 na manjedoura,
 nós te agradecemos:
 a música da oração;
 o regozijo da fé;
 a mensagem de amor;
 a alegria do lar;
 o apelo à fraternidade;
 o júbilo da esperança;
 a bênção do trabalho;
 a confiança no bem;
 o tesouro de tua paz;
 a palavra da Boa Nova,
 e a confiança no futuro!...
 Entretanto, ó
 Divino Mestre!
 de corações voltados
 para o teu coração,

nós te suplicamos
algo mais!...
Concede-nos, Senhor,
o dom inefável
da humildade para que
tenhamos a precisa
coragem de
seguir-te os exemplos!

EMMANUEL



Prece Diante da Manjedoura

Senhor:

Diante da Manjedoura em que nos descerras
o coração, ensina-nos a abrir os braços para re-
ceber-te.

Não nos relegues ao labirinto de nossas ilusões,
nem nos abandones ao luxo de nossos problemas.

Vimos ao teu encontro, cansados de nossa
própria fatuidade.

Sol da Vida, não nos confies às trevas da
morte.

Fortalece-nos o bom ânimo.

Reaviva-nos a fé.

Induze-nos à confiança e à boa vontade.

Tu que renunciaste ao Céu em favor da Terra,
ajuda-nos a descer para sermos mais úteis!...

Tu que deixaste a companhia dos anjos sábios
e generosos, por amor aos homens ignorantes e
infelizes, auxilia-nos a estender aos irmãos mais
necessitados que nós mesmos o tesouro de luz que
nos trazes!...

Defende-nos contra os vermes da vaidade.

Ampara-nos contra as serpes do orgulho.

Conduze-nos ao caminho do trabalho e da humildade.

E, reconhecidos à frente do teu berço de luminosa esperança, nós te rogamos, sobretudo, os dons da simplicidade e da paz, para que sejamos contigo fiéis a Deus, hoje e sempre.

Assim seja.

EMMANUEL



Na Noite de Natal

Noite de Paz e amor! Repicam sinos,
Doces, harmoniosos, cristalinos,
Cantando a excelsitude do Natal!...
A estrela de Belém volta, de novo,
A brilhar, ante os júbilos do povo,
Sob a crença imortal.

De cada lar ditoso se irradia
A glória da amizade e da harmonia,
Em festiva oração;
Une-se o noivo à noiva bem-amada,
Beija o filho a mãezinha idolatrada,
O irmão abraça o irmão.

Dentro da noite, há corações ao lume
E há sempre um bolo, em vagas de perfume,
Sob claro dossel...
Nascem canções e flores de mansinho,
Em édenes fechados de carinho,
De esperança e de mel.

Mas, lá fora, a tristeza continua...
 Há quem chora sozinho, em plena rua,
 Ao pé da multidão;
 Há quem clama piedade e passa ao vento,
 Ralado de tortura e sofrimento,
 Sem a graça de um pão.

Há quem contempla o céu maravilhoso,
 Rogando à morte a bênção do repouso
 Em terrível pesar!
 Ah! como é triste a imensa caravana,
 Que segue, aflita, sob a treva humana
 Sem consolo e sem lar...

Tu, que aceitaste a luz renovadora
 Do Rei que se humilhou na manjedoura
 Para amar e servir,
 Volve o olhar compassivo à senda escura,
 Vem amparar os filhos da amargura,
 Que não podem sorrir.

Desce do pedestal que te levanta
 E estende a mão miraculosa e santa
 Ao desalento atroz;
 Para unir-nos no Amor, fraternalmente,
 Desceu Jesus do Céu Resplandecente
 E imolou-se por nós.

Vem medicar quem geme na calçada!...
 Oferece à criança abandonada

Um velho cobertor;
 Traze a quem sofre a lúcida fatia
 Do teu prato de sonho e de alegria,
 Temperado de amor.

Visita as chagas negras da mansarda
 Onde a miséria súplice te aguarda
 Em nome de Jesus.
 Há muita criança enferma, quase morta,
 Que só pede um sorriso brando à porta,
 Para tornar à luz.

Natal!... Prossegue o Mestre, de viagem,
 Em vão buscando um quarto de estalagem,
 Um ninho pobre, em vão!...
 E encontra sempre a cruz, ao fim da estrada,
 Por não achar socorro, nem pousada
 Em nosso coração.

CARMEN CINIRA



80

Jesus

Ele não era um conquistador armado e, de século a século, aumenta a multidão daqueles que o seguem, n'Ele reconhecendo o Modelo Divino, ao qual se oferece a vida; surgiu na palha, ao calor dos animais que o hospedaram na estrebaria e recorda-se-lhe o nascimento assinalado pelo fulgor de uma estrela; não dispunha de uma pedra em que repousar a cabeça e fundou o Reino de Deus, entre as nações; conquanto se reportasse aos mundos da imensidade por diversas moradas da Casa Universal do Todo-Misericordioso, escolheu uma pátria que procurou conchegar ao coração; referia-se aos homens na condição de filhos do Pai Celestial e devotou-se a um círculo íntimo de companheiros queridos, vinculando-se a uma abnegada mãe, a quem amou enternecidamente; embora revelasse a vida imperecível, encontrou em si mesmo bastante sentimento humano para chorar a ausência de um amigo morto; conversou mais detidamente apenas com alguns sofredores, entre os quais se destacaram pobres mulheres e crianças de lugarejos esquecidos e traçou os mais altos ensinamentos que re-

gem a paz e a felicidade dos povos; viveu em lares singelos e continua inspirando, até agora, na literatura e na arte, as mais belas obras-primas da Humanidade; humilde, fêz-se poderoso renovador de consciências; discutido, sobreleva-se, ainda hoje, pela bondade, a todos os sofismas dos incrédulos que o desafiam; perseguido pelo mal, triunfou e triunfa com o bem, esquecendo as afrontas e abençoando os inimigos; crucificado, venceu a morte e ressurgiu entre os homens, junto dos quais permanece, sempre e cada vez mais vivo, em espírito, como sendo de todos os reformadores da Terra o mais digno e o mais querido, o mais contestado e o mais invencível!...

Mensageiro do Pai, erguido à posição de Mestre Divino, consagrado à nossa educação para a vida eterna, amou-nos antes que o amássemos e tudo nos dá de si próprio, sem nada pedir-nos!...

È por isso que todos nós, ano a ano, somos induzidos, sem distinção de credo e raça, a cultivar o poder da fraternidade, uns diante dos outros, pelo menos um dia — o Dia de Natal —, transformando o mundo, por algumas horas, em Reino de Amor, prelibando as alegrias do Bem Eterno que nos governará de futuro, a repetir com as vozes milenárias dos anjos:

— Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens!...

EMMANUEL

YVONNE A. PEREIRA

MEMÓRIAS DE UM SUICIDA

(2ª edição)

História realista, de fundo filosófico-moral, em que o Espírito de um grande escritor da língua portuguesa nos relata tudo quanto lhe aconteceu como resultado do seu deplorável suicídio. E' qual uma visão, que recorda a «Divina Comédia», e que pinta a cores vivas a situação e o estado dessas almas infelizes que por vontade própria mergulharam em novo e mais espantoso inferno.

Escrito em estilo de romance, é, contudo, obra séria e profundamente doutrinária, cujo objetivo principal é cerrar à criatura humana a porta illusória do suicídio, levando o leitor a concluir que a vida presente, mesmo com as suas amarguras e tribulações, ainda é um mar de rosas, ainda é a vida que merecemos...

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

OS MENSAGEIROS

(6ª edição)

Esta obra, da famosa «Série André Luiz», segue as mesmas normas de «Nosso Lar». O Autor espiritual, ex-médico patricio, relata o afanoso trabalho dos Espíritos mensageiros do Bem, fazendo sobressair a figura do generoso benfeitor Aniceto, a quem ele acompanhou até o ambiente terráqueo, em excursão de novos aprendizados.

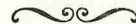
Páginas de profunda emotividade apresentam lições de inestimável importância para todos os espíritas e não espíritas, e por isso é que recomendamos insistentemente a leitura desta obra.

FRANCISCO C. XAVIER e WALDO VIEIRA

ANTOLOGIA DOS IMORTAIS

Psicografada pelos médiuns acima, é obra que reúne duas centenas de belíssimas produções poéticas, todas objetivando a edificação moral da criatura humana, a mostrar-lhe, igualmente, que a morte é porta para outra vida em que os enganos, os erros, as alegrias e as esperanças tomam cores mais vivas.

O formato grande, o papel de primeiríssima qualidade, a primorosa apresentação gráfica, os retratos de mais de cem poetas brilhantemente biografados pelo Dr. Elias Barbosa, organizador e prefaciador, os estudos críticos — tudo, tudo, enfim, faz de «*Antologia dos Imortais*» um dos mais importantes lançamentos da FEB.



FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

VOLTA BOCAGE...

(2ª edição)

Bocage, considerado pelos poetas e críticos como príncipe dos sonetistas da Língua portuguesa; Bocage, o gênio cujo nome os despeitados procuraram atassalhar, nos apresenta agora, em Espírito e pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, uma série de verdadeiras obras-primas, cheias de espiritualidade, de encantamento e doçura.

Prefaciado e comentado brilhantemente pelo Prof. Dr. Porto Carreiro Neto, é livro realmente digno de ser lido, relido e perlido. Sua primeira edição mereceu elogios de todos, e esta, a segunda, revista e ampliada, maiores elogios certamente receberá.

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

PENSAMENTO E VIDA

(2ª edição)

Este pequeno volume, ditado pelo Espírito de Emmanuel, teve tal aceitação por parte do público, que em dois anos teve esgotada a sua 1ª edição de quinze mil exemplares!

O sábio Autor, em poucas palavras, claras e persuasivas, expõe a filosofia profunda e real da vida, da vida que vivemos todos os dias, traduzindo, em comparações inteligentes, os efeitos que o nosso pensamento, como importante agente causal, gera dentro de nós e em torno de nós.

E' esta obra qual uma cartilha de princípios superiores, em cujas páginas se procura evidenciar que «a mente é o espelho da vida em toda a parte».

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

BOA - NOVA

(9ª edição)

São páginas de elevada moral evangélica, de tocantes evocações, recordações suavíssimas de emocionantes cenas do messianato cristão, em que a figura radiosa de Jesus se nos mostra em palestras íntimas com seus apóstolos e discípulos, a lhes dissipar as dúvidas e hesitações, a lhes asserenar o espírito inquieto, a lhes clarear o entendimento para a apreensão do espírito de sua doutrina, a prepará-los, enfim, para o apostolado do Reino de Deus na Terra.

Talvez seja o livro mais belo e emocionante de quantos nos transmitiu o Espírito de Humberto de Campos, o escritor que sabe ensinar e deleitar ao mesmo tempo.

LÉON DENIS

JOANA D'ARC, MÉDIUM

O valor dessa obra, já na sua 6.ª edição em português, fêz que muitas tiragens se multiplicassem pelo mundo inteiro.

Escritores pujantes historiaram a vida de Joana, mas nenhum logrou compreender o verdadeiro caráter da heroína, entender o sentido de sua vida.

Denis, porém, nessas vibrantes páginas, aclara e ilumina, à luz do Espiritismo, a vida de vozes, visões e premonições da Virgem da Lorena, fazendo-a ressurgir, então, como grande médium para uma grande missão.

Leamos esta obra, pois, como disse o Autor, «a história de Joana é inesgotável mina de ensinamentos...»

SYLVIO BRITO SOARES

PÁGINAS DE LÉON DENIS

(1ª edição)

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

À excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de toda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

«REFORMADOR»

Fundado em 1.º de Janeiro de 1883, é “*Reformador*” o órgão mais antigo da imprensa espírita brasileira, jamais interrompido em sua publicação.

Nas páginas dessa revista mensal, o leitor encontrará excelente colaboração de estudiosos confrades, belas e edificantes mensagens mediúnicas, em prosa e verso, notícias extras e curiosas, traduções, transcrições, etc., ficando, ainda, a par dos lançamentos dos livros editados pela FEB.

Faça uma experiência: assine o “*Reformador*” e comprove, por si mesmo, o que todos dizem: é uma das melhores revistas espíritas do Brasil!

«BRASIL - ESPÍRITA»

Órgão orientador, noticioso e doutrinário do Departamento de Infância e Juventude da FEB, “*Brasil-Espírita*” foi lançado aos 18 de Abril de 1950.

Impresso em papel de primeira, é um jornal que informa, instrui, educa e moraliza, sendo lido com agrado por jovens de todas as idades, solteiros ou casados.

Com apenas alguns cruzeiros anuais, todos poderão recebê-lo em suas casas.

* * *

Peçam informações ou façam seus pedidos de assinaturas, escrevendo para este endereço:

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
Rua Souza Valente, 17
Rio, Gb — ZC-08

Léon Denis

O GRANDE ENIGMA

(4ª edição)

“Nas horas pesadas da vida, nos dias de tristeza e de acabrunhamento, leitor, abre este livro! Eco das vozes do Alto, ele te dará coragem, inspirar-te-á a paciência e a submissão às leis eternas!” Escreveu estas palavras o inigualável filósofo e Autor, Léon Denis.

É uma obra de rara elevação de alma e de sentimentos, em que o pensamento do respeitável escritor, bafejado pelas inspirações celestes, explica o problema do destino humano, revelando um Deus de justiça, mas também de amor.

Cada página desvela, aos olhos do leitor admirado, uma parte do Grande Enigma, para cuja solução, segundo um crítico, Denis aliou o fervor de um Bossuet com a doce persuasão de um Fénelon.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

ENCONTRO MARCADO

(1ª Edição)

Sobre o objetivo desta obra, assim escreve o autor, *Emmanuel*: «A vós que aspirais a alcançar a trilha da libertação e da paz, a vós que experimentastes a visita da dificuldade e da provação e indagais pela causa da angústia e do sofrimento, oferecemos estas páginas.»

Sessenta temas atualíssimos, como por exemplo: «Prejuízos da irritação», «Imperativo da prática do bem», «Conduta espírita ante o sexo transviado», «O Evangelho ante a psicologia moderna», «Filhos em desarmonia com o lar», «Pais humanos em divergência conosco», «O problema da ansiedade», etc. — ensejam esclarecedores comentários e criteriosos ensinamentos, no propósito de orientarem a criatura humana no rumo da verdadeira felicidade, neste e noutro plano da vida.

Cada capítulo deste livro é «um entendimento de alma para alma ou rápida entrevista entre nós e a verdade», à luz da Doutrina Espírita.



RODOLFO CALLIGARIS

O SERMÃO DA MONTANHA

(2ª Edição)

Rodolfo Calligaris, um dos mais inteligentes comentadores do Evangelho, bastante admirado pelos seus substanciosos artigos em «Reformador» e pelos outros livros que já deu a público, atinge nesta obra todo o vigor e toda a pujança de um raciocínio lúcido e profundo.

Em cinquenta capítulos, expostos em 184 páginas, ele analisa, estuda e interpreta, versículo por versículo, à luz da Doutrina Espírita, o mais longo e famoso sermão pronunciado por Jesus-Cristo, mui justamente chamado «o Código fundamental do sentimento humano».

Todos os que trilham a estrada da vida terrena sentirão, na leitura e meditação dessa obra de Calligaris, a beleza e a verdade eternas que se irradiam da «Carta Magna do Cristianismo», encerrada nos capítulos 5 a 7 do Evangelho de Mateus.